
SÉRIE VILAS E CUEVAS
Meu Raio de Sol
AUTORA BEST-SELLER USA TODAY
Megan Wade

Megan Wade

Meu Raio de Sol

Tradução: Alessandra Cristina Rodrigues

1ª Edição

GRUPO EDITORIAL
Five

2025
Porto Alegre

Meu Raio de Sol
Copyright © 2022 Megan Wade
Copyright da Tradução © 2025 Editora Five
Produção Editorial: Grupo Editorial Five
Arte de Capa: Graziela Lancellotti
Tradução: Alessandra Cristina Rodrigues
Preparação: Naiara Chiquetto
Revisão: EN Serviços Editoriais
Diagramação: Carol Dias
Ícones de diagramação: Flaticon
Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W121
Wade, Megan.
Meu Raio de Sol [livro eletrônico] / Megan Wade ; tradução Alessandra Cristina Rodrigues -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2025. -- (Série Velas e Curvas ; 1)
epub

Título original: His Sunshine
ISBN 978-65-5214-163-7
1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Sumário

Início
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Epílogo
Sobre a autora
Sobre a Five

Capítulo 1

Ava

Segurando minhas velas novas contra o peito, não consigo conter o sorriso ao sair do Bendy Bodies, o estúdio de yoga onde acabei de fazer minha leitura de tarot. A mulher com quem me encontrei, Clementine Valentine (adoro a rima do nome dela), parecia superanimada com o que as cartas revelavam para mim. Ela disse que eu estava entrando em uma nova fase da minha vida, na qual tudo o que eu vinha manifestando finalmente se concretizaria. E, melhor ainda, disse que vê um encontro de chamas gêmeas em meu futuro próximo.

Chamas gêmeas!

Elas são ainda melhores do que almas gêmeas, e sinto que poderia simplesmente pular e gritar de alegria de tão animada que estou.

E antes mesmo que você pense, sim, eu sei que tarot não é uma ciência exata de adivinhação, se é que existe tal termo. E sei que é extremamente aberto a interpretações e que algumas pessoas acham que é apenas um monte de lorota. Mas, para mim, traz grande conforto. Acredito firmemente que se conseguir visualizar algo o suficiente, posso fazer com que aconteça. Que é exatamente o que tenho tentado fazer pela minha vida amorosa.

Bem, minha vida amorosa inexistente. Parece que sou um tanto… exigente quando se trata de homens. Ou pelo menos é o que me disseram.

Ainda assim, a coisa que eu quero mais do que tudo neste mundo é um homem que me ame por inteiro. Não apenas minha personalidade. Não apenas meu “rostinho bonito”. E certamente não meu “potencial” caso eu perdesse cerca de quarenta e cinco quilos, mas que amasse *tudo em mim*. Cada curva e vale que cobre meu corpo de um metro e setenta de altura. Ele não precisa ser um modelo, mas tem que ser decente e bom, disposto a se

esforçar e agradável aos olhos o suficiente para que eu também me sinta atraída por ele. Não me importa se for alto, baixo, em forma, magro ou grande como eu. Só preciso sentir uma conexão com o cara. Quero ser amada por um homem que me ache linda e perfeita desde o momento em que cruze os olhos com os meus. É pedir muito?

Não acho que seja. E sei que ele está por aí. No fundo da minha alma, sinto que há um homem neste mundo que sente tanta necessidade de mim quanto eu sinto dele. A parte complicada, claro, é encontrá-lo. Mas é aí que entra Clementine.

Veja, gosto de pensar que o universo nos dá sinais. E alguns meses atrás, quando eu estava tentando comprar uma vela de minha fragrância favorita da *Bed, Bath and Body Works*, descobri que haviam descontinuado a linha. Isso me fez procurar o segundo melhor perfume. Encomendei velas de grandes redes e pequenas lojas especializadas, e foi a vela perfumada Whisper Valley que acalmou meus sentidos e os animou ao mesmo tempo. É tão difícil explicar exatamente *qual* era o cheiro, mas parecia tão *familiar*. Como o conforto de um Natal em família ou o pão fresco da sua padaria favorita, ou… como um lar.

A embalagem prometia que a vela tinha exatamente o mesmo cheiro da cidadezinha de mesmo nome. Então, quando pesquisei e descobri que não ficava longe de Sugar City, soube que tinha que vir e sentir aquele perfume pessoalmente.

Estou em Whisper Valley há apenas alguns dias, mas, *meu Deus*! Até parece um *lar*. É como uma cidade pequena dos filmes da Hallmark, onde todos são acolhedores e gentis, e, honestamente, não quero ir embora.

Pena que terei que voltar a trabalhar em Sugar City na segunda-feira. Ficar sentada digitando códigos em um computador dia após dia não é tão gratificante para a alma quanto estar cercada pela natureza. Eu realmente entrei no negócio errado e, se não fosse pela montanha de dívidas estudantis que tenho no meu nome, jogaria tudo fora para me tornar uma padeira artesã ou algo chique assim.

Suspirando para mim mesma, equilibro as duas velas em um braço e destranco a porta do carro, entrando no meu Prius o mais graciosamente que consigo antes de ligá-lo. Está quase na hora do jantar, e a casa que aluguei fica a cerca de oitocentos metros de um bar e churrascaria chamado Valentine’s. Ainda não fui lá porque estava preocupada que, por ser nos arredores da cidade, parecesse mais um daqueles bares de estrada cheios de

motoqueiros e caras desagradáveis, como nos filmes. Mas Clementine me garantiu que é o lugar ideal para qualquer pessoa com mais de vinte e um anos em Whisper Valley. Os primos dela comandam o lugar, e toda quarta-feira é noite das mulheres. Então já tomei a decisão de jantar lá esta noite.

Quem sabe minha chama gêmea esteja lá?

Com as duas novas velas perfumadas Whisper Valley (também feitas por Clementine) seguras no banco ao meu lado, dou a seta e cantarolo uma melodia alegre enquanto saio para a rua. Eu preferiria ter música em vez da minha própria voz, mas meu rádio quebrou algumas semanas atrás, então agora só tenho uma jukebox cheia de músicas para ouvir na minha cabeça. O que provavelmente é melhor, porque não consigo aumentar o volume, então, quando acidentalmente dou ré e acerto o carro atrás de mim, em vez de ir para frente na rua, como eu pretendia, ouço claramente o barulho de metal batendo em metal e piso no freio com força.

Ah, merda! Fecho os olhos e respiro fundo para me acalmar.

Por favor, diga-me que não ouvi o que acho que ouvi.

Inclinando-me um pouco para a frente, desligo o motor e saio do carro, tentando ao máximo ignorar os olhares curiosos dos transeuntes enquanto avalio os danos. Meu pequeno carro vermelho agora está com a marca perfeita do para-choque dianteiro da caminhonete azul da Ford atrás de mim. A caminhonete, no entanto, tem pouco mais do que alguns arranhões de tinta vermelha brilhante incrustados na pintura. Suspiro enquanto olho para meu Prius. Eles não fabricam mais carros tão resistentes quanto antigamente.

Apesar dos danos mínimos causados à caminhonete, não posso, em sã consciência, simplesmente entrar no meu carro e ir embora. Então, pego um bloco de notas e uma caneta no porta-luvas e rabisco um pedido de desculpas e meu número de celular. Depois, dobro-o ao meio e deslizo-o por baixo do limpador dianteiro.

Só que o limpador sai com facilidade na minha mão. *Caramba*. Este realmente não é meu melhor momento.

Voltando para o meu carro, rabisco uma promessa de pagar pelo conserto do limpador também, então decido que usar o outro limpador para segurar o bilhete no lugar é uma má ideia, já que vou acabar quebrando-o também.

Voltando para o meu carro, pego uma das velas pesadas e a coloco à vista de todos no capô da caminhonete, do lado do motorista, com um

bilhete embaixo. Então digo a mim mesma que é o melhor que posso fazer enquanto tiro a poeira das mãos e me viro para voltar para o carro. É exatamente nesse momento que me deparo com uma parede em forma de homem.

— O que diabos você está fazendo com a minha caminhonete?

Capítulo 2

Duke

Uma cabeça cheia de cachos colide com meu rosto enquanto inspiro, me sufocando quando se enroscam na minha barba por fazer. Para piorar a situação, a dona dos cachos conseguiu, de alguma forma, me dar uma cabeçada no pescoço.

Estou desesperado e ofegante, mas isso só piora as coisas, pois sugo os cachos mais para dentro da boca. Acho que eu talvez vá morrer assim.

Por reflexo, coloco as mãos nos ombros da minha agressora e empurro, tossindo e cuspindo enquanto o ar entra em meus pulmões.

— Para trás! — ela grita, girando o que parece ser o limpador de para-brisa de um carro como se fosse um par de *nunchakus*. — Eu sei autodefesa e não tenho medo de usar contra você.

— Opa, gatinha — eu digo, estendendo as mãos para que ela não me corte com o metal quebrado. — Guarde essas garras. Não estou tentando te machucar.

Ela franze a testa de leve enquanto segura o limpador de para-brisa entre nós.

— Então por que você me empurrou?

— Eu estava sufocando no seu cabelo — digo, esfregando a barba por fazer com a mão e encontrando alguns fios de cachos loiros platinados. — Está vendo? Vou cagar seu cabelo por uma semana.

— Ai, nossa! Sinto muito. Essa caminhonete é sua? — Ela aponta por cima do ombro.

— É. Essa vela é sua? — pergunto, olhando para o grande pote de vidro cheio de cera e pedrinhas que está no meu capô.

— Bem, tecnicamente é sua agora. Considere um pedido de desculpas por bater em seu carro.

Minha sobrancelha se ergue.

— Você bateu na minha caminhonete?

— Bati. — Ela estremece. — Mas juro que pagarei o conserto. De alguma forma. — Essa última frase é dita baixinho enquanto ela desvia o olhar, e isso me faz olhá-la direito. Ela é jovem, talvez vinte e poucos anos, no máximo, tem cerca de um metro e setenta de altura, cabelo loiro na altura dos ombros, grandes olhos castanhos, sardas no topo do nariz e curvas que provavelmente aparecerão em meus sonhos mais tarde esta noite. Desvio o olhar e franzo a testa. Eu não deveria estar pensando com meu pau tão cedo depois de engasgar daquele jeito.

— Me mostre — resmungo.

Ela pisca, aparentemente sem saber do que estou falando.

— Mostrar como vou pagar?

— Não. O dano. Me mostre.

— Bem… — Ela me entrega o limpador quebrado primeiro. — Tem isso. Mas eu quebrei enquanto deixava o bilhete sobre o primeiro problema.

— Jesus — digo, seguindo-a até a frente do meu veículo.

— Foi aqui que eu bati em você. — Ela aponta para o para-choque, onde há um pequeno amassado e um pouco de tinta vermelha misturada com a azul.

Passo a mão sobre a área.

— Vai ser fácil polir. Não se preocupe com isso.

Ela inclina a cabeça para trás.

— Não me preocupar? Senhor, danifiquei seu carro e o mínimo que posso fazer é pagar o conserto.

— Eu não preciso que você faça isso.

Ela abre e depois fecha a boca.

— Você não… Por quê?

— Porque, pelo que parece, foi seu carro que sofreu os danos. Não o meu. E o dano que sofri, consigo consertar sozinho.

— Sério?

— Sim. E posso consertar seu carro também, se você precisar de um bom negócio. — Coloco a mão no bolso de trás e tiro um cartão da carteira. — Sou dono da oficina na Wattle Street. Passe por lá a qualquer momento e verei o que posso fazer por você.

Ela pega o cartão da minha mão como se tivesse medo de que eu

fosse pular nela e gritar: “*surpresa, filha da puta!*”. E quando ela o tira com segurança da minha mão, solta um suspiro audível.

— A hospitalidade de cidade pequena é surreal, hein?

Olho-a de cima a baixo enquanto aceno, recusando-me a falar, caso meus pensamentos saiam pela boca. Essa oferta não tem nada a ver com hospitalidade de cidade pequena e tudo a ver com a maneira como meu corpo reage a ela. Podem me chamar de louco, mas sinto que essa mulher deveria estar na minha vida. Como se ela fosse o bálsamo para minha solidão, a mulher que sempre me disseram que estava por aí esperando por mim, só por mim. É um sentimento difícil de explicar.

— Muito bem. Acho que te vejo em breve, então — ela diz, colocando o cartão no bolso. — A propósito, sou Ava. — Ela estende a mão para apertar a minha.

— Duke — digo, envolvendo sua mão com a minha e me divertindo com a diferença de tamanho. Sua mão é pequena comparada à minha.

— Duke — ela repete, com sua voz um pouco ofegante, enquanto sorri para mim. — Acho que te vejo amanhã, então.

— A qualquer hora, gatinha. Aparece lá que estarei te esperando.

Ela ri.

— Aproveite sua, uhm, vela. — Ava acena em direção ao meu atual enfeite de capô enquanto tira a mão da minha. Quero segurá-la de novo.

— Tenho certeza de que aproveitarei. Dirija com segurança.

— Tá legal — ela diz, dando alguns passos em direção ao carro antes de parar abruptamente e se virar. — Posso te perguntar uma coisa?

Eu sorrio.

— Claro.

— Nós acabamos de… — Ela morde os lábios como se não tivesse certeza se quer dizer as próximas palavras. — Rolou uma química entre a gente?

Passando a mão no queixo, solto uma risada.

— Acredito que sim.

— Ah, que bom. Não sou só eu flertando, então.

— Definitivamente não é só você.

— Seria muito atrevimento se eu te convidasse para jantar hoje à noite? Tudo bem se você disser não, é só que…

— Eu adoraria jantar com você.

O rosto dela se ilumina.

— Valentine’s? Oito horas?

— Estarei lá.

— Tá bom, então. — Ela solta um suspiro feliz junto com suas palavras: — É um encontro.

Aceno para Ava e, enquanto ela entra no carro, faço questão de manter meus olhos em cada movimento seu, apreciando o rebolado de sua bunda e a maneira estranha como entra no carro quando percebe que ainda estou olhando. Ela me dá um pequeno aceno enquanto vai embora, e logo depois eu faço o mesmo, pego a vela que ela deixou para mim e guardo o bilhete com seu número no bolso enquanto leio o rótulo na lateral. *O aroma de Whisper Valley*. Levando a vela ao nariz, inspiro fundo. Não consigo definir com exatidão, mas tem cheiro de…



— Nada. — Minha irmã me devolve a vela enquanto franze o nariz e balança a cabeça.

— Como assim? Tem cheiro de alguma coisa. Cheire de novo. É algo familiar, e não consigo identificar o quê. É como uma brisa de outono, uma refeição caseira ou um churrasco ao ar livre em um dia de verão. Sei que é uma maneira estranha de descrever um cheiro, mas ele evoca todas essas memórias em mim. Simplesmente não consigo identificar direito o que está causando esse cheiro.

— Talvez se eu acender? — Dottie diz, pegando a vela de volta da minha mão e levando-a até a lareira de sua antiga casa de fazenda. Exigiu amor e muito trabalho restaurá-la, algo em que tenho ajudado desde que fui demitido do meu antigo emprego e ela me convenceu a me mudar para Whisper Valley e abrir minha própria oficina, mas está começando a parecer mais uma casa do que um canteiro de obras. Agora temos uma sala de estar e cozinha completas para usar, mas o resto do lugar ainda é um trabalho em andamento. Seu objetivo é fazer com que o vinhedo ao lado floresça novamente para que ela possa produzir seu próprio vinho e abrir o terreno como um centro de eventos.

Dottie acende o isqueiro e o pavio da vela, seu brilho suave atingindo as pedras de aparência estranha incrustadas na cera e projetando

cores diferentes.

— Ainda não consigo sentir cheiro de nada, mas essas pedras são legais. Quais são?

— Imagino que sejam locais daqui — digo, observando-a enquanto Dottie lê o rótulo.

— Parece que sim, mas nunca as vi antes. Era de se imaginar que, com todo o trabalho que fiz neste lugar, já teria encontrado uma. São maneiras.

— Você pode ficar com uma se quiser. Poxa, quando a vela derreter, pode ficar com todas.

— Talvez eu aceite sua oferta — ela diz, centralizando a vela e se afastando dela. — De quem você disse que ganhou isso?

— Eu não disse — respondo, erguendo uma sobrancelha para minha irmã intrometida. — Mas já que você vai acabar descobrindo de qualquer maneira, pelo jeito que essa cidade fofoca, vou jantar hoje à noite com uma mulher chamada Ava.

O rosto de Dottie se ilumina.

— Uma *garota* te deu esta vela?

— Não crie muitas esperanças. É só um jantar — resmungo.

— Ainda assim… — Ela me segue enquanto vou até a lavanderia em busca de roupas limpas. — Isso é um progresso. Você não tem um encontro desde…

— Estou ciente disso, Dottie — aviso, lançando um olhar que diz que não tenho desejo de reviver o passado. Gosto que essa merda fique guardada em caixas e deixada no passado, que é seu lugar.

— Estou tão animada por você.

Posso ouvir o tom sonhador em sua voz e me controlo para não sorrir. Posso mentir para ela, mas não posso mentir para mim mesmo. Depois de conhecer Ava, também fiquei meio esperançoso. Mas estou preocupado em namorar de novo. Há um limite de vezes que um coração pode rachar antes de ficar permanentemente partido.

— Como ela é?

— Na verdade, não sei. Nos encontramos por só uns cinco minutos.

— Quais foram suas primeiras impressões, então?

Eu me viro, me encosto na secadora e cruzo os braços.

— Linda, sorriso maravilhoso. Emanava uma energia ótima. — Eu rio quando lembro da maneira como Ava tentou usar meu limpador de para-

brisa quebrado como arma. — Ela queria lutar comigo.

— Lutar com você? — Os olhos de Dottie se arregalam. — Irmão querido, no que você está se metendo?

— Sinceramente, não tenho ideia. Mas estou ansioso para descobrir.

Capítulo 3

Ava

Experimentei cada look da mala antes de me decidir por um vestido da cor de pêssego com mangas longas e decote em V. Minhas roupas dizem mais “passeio de verão pelo mercado” do que “jantar em um bar e churrascaria de beira de estrada”, mas quando uma garota está longe de casa, ela não tem muitas opções.

Quando coloco as sandálias no chão de madeira do Valentine’s, sou imediatamente atingida pelo som de conversas alegres e pelo cheiro de carne na grelha e cerveja na torneira. A música sai de uma jukebox no fundo de uma pequena pista de dança, e o clima geral do lugar é de diversão. Parece que este é mesmo o lugar certo onde vir.

— Posso ajudar em algo, querida? — a pergunta vem de um homem gigante com uma barba espessa e olhos verdes penetrantes atrás do bar. Ele está secando os copos enquanto eu me aproximo e dou uma olhada rápida ao redor para ver se meu par já chegou. Ele ainda não está aqui.

— Eu, uhm, deveria encontrar alguém para jantar. Na verdade, é um encontro — digo, mantendo a voz baixa porque tenho um medo profundo de levar um bolo. *Não seria a primeira vez*.

— Bom pra você. Bem, eu conheço quase todos os homens da cidade, e mulheres também, se essa for sua preferência, então se me der o nome, posso te dizer se eu o vi.

— Ah, eu só sei o primeiro nome dele, mas não é muito comum. Você conhece um cara chamado Duke? Ele disse que comanda a oficina na cidade.

— Duke Fox. Bom homem. Me ajudou quando meu eixo rachou no mês passado. Mas eu não o vi hoje.

— Ah, tudo bem. De qualquer forma, cheguei cedo — comento,

olhando para o relógio de parede acima do bar, atrás de sua cabeça. São sete e quarenta e cinco. Estou muito adiantada.

— Posso te servir uma bebida enquanto espera?

— Uhm, tá bom.

— O que vai querer beber?

— Qual é a bebida mais saborosa que você tem que não seja muito forte?

Ele sorri.

— Você vai querer falar com meu irmão, Remy, sobre isso. — Ele vira a cabeça e solta um assobio, chamando uma versão com cabelos mais escuros de si mesmo para o seu lado. Fico surpresa com a beleza desses bartenders. Deve haver algo no abastecimento de água de Whisper Valley.

— E aí? — Remy pergunta.

— Nossa convidada aqui gostaria de algo doce, mas não muito forte.

— Algum sabor em particular? — ele me pergunta.

— Qualquer coisa frutada.

— É pra já — ele diz, me dando um sorriso deslumbrante antes de se virar e caminhar para o lado oposto do bar.

— Por que não se senta naquela cabine vazia ali, e eu mando alguém levar a bebida para você?

— Tá bom. Mas ainda não paguei.

— E nem vai pagar. Considere um presente de boas-vindas a Whisper Valley. A primeira bebida é por conta da casa.

— É muito gentil da sua parte. Obrigada, hã…

— Kellen. — Ele sorri e estende a mão.

— Ava. É um prazer conhecê-lo.

— Aproveite seu encontro.

Dando-lhe um sorriso, levanto minha mão e mostro meus dedos cruzados antes de ir em direção à mesa que ele indicou.

— Um coquetel frutado e com baixo teor alcoólico para nossa mais nova moradora de Whisper Valley — uma loira sorridente diz enquanto serve um copo alto cheio de um líquido laranja brilhante, com uma fatia de abacaxi na borda. — Eu sou a Jade, esposa do Kellen. Ver você sentada aqui, esperando por um encontro, me deixou toda nostálgica da noite em que conheci meu homem.

— Ah, oi, Jade. Eu sou Ava, mas não moro aqui. Estou apenas

visitando. — Tomo um gole da bebida e aceno com aprovação. — Isso está delicioso.

— Remy fez especialmente para você. Ele tem o dom de saber direitinho o que dar a alguém. Clementine leu suas cartas hoje, certo?

— Uhmm, sim — eu digo, prolongando a palavra porque não tenho certeza de como ela sabe disso.

— Não estou stalkeando. Ela é minha cunhada. Bem, mais ou menos, ela é casada com o primo do Kellen. Então é parente, seja lá o que isso a torna. E, de qualquer forma, é assim que fiquei sabendo.

— Ela te contou sobre minha leitura?

— Ah, meu Deus, não! Estou estragando tudo. Ela me contou sobre as velas. E eu também fiquei sabendo sobre o acidente entre seu carro e a caminhonete do Duke. — Ela estremece. — Cidade pequena.

— As notícias correm rápido por aqui, hein?

Ela ri.

— Você não tem ideia. — Seus olhos se movem de mim para a porta, e sua expressão se ilumina. — Parece que seu encontro chegou. Espero que a gente se encontre novamente — ela diz, levantando a mão para acenar para Duke antes de sair para se juntar ao marido atrás do bar.

— Vejo que você já está conhecendo os moradores — Duke comenta com sua voz profunda e perfeita enquanto se aproxima.

Levanto-me para cumprimentá-lo.

— Ela só estava me fazendo companhia. Cheguei cedo.

Ele ri e acena em direção ao relógio do bar: sete e cinquenta e cinco.

— Eu também.

Eu coro mais do que nunca e rio de um jeito que parece estranho para mim. Esse homem parece bom demais para ser verdade. Alto, cabelo escuro, musculoso e largo. Ele me faz sentir pequena, mesmo que eu esteja longe disso, e, quando se inclina para me cumprimentar com um beijo na bochecha, faz uma pausa para inspirar, e meus joelhos quase cedem.

— Seu cheiro é incrível — murmura.

— Sim — eu digo como uma completa idiota. — Quero dizer, obrigada. — Minhas bochechas queimam quando nos sentamos um de frente para o outro na cabine.

Duke se mexe um pouco para ficar confortável, mas então franze a testa e volta a se levantar.

— Algum problema?

— Acho que me sentiria melhor se estivesse sentado ao seu lado em vez de na sua frente.

— Ok — eu digo, sorrindo enquanto me movo e ele desliza para perto de mim, nossas coxas pressionando uma contra a outra, minha maciez contra sua dureza.

Por que isso parece tão… sexy?

— Isso não é normal para mim — ele diz de repente. — Eu não… namoro.

Levanto as sobrancelhas, curiosamente mantendo o ego sob controle.

— Então por que você está num encontro comigo?

Ele olha para mim — não, ele me *estuda* —, então sorri e balança a cabeça.

— Porque nunca rolou um clima com uma danada que empunhou um limpador de para-brisa contra mim. Acho que você poderia dizer que me intrigou.

— Mesmo que eu tenha batido no seu carro e quebrado seu limpador?

— Às vezes as coisas acontecem por uma razão. Talvez o motivo de você ter batido na minha caminhonete fosse para ainda estar lá quando eu voltasse.

— Então o que você está dizendo é que o nosso encontro estava predestinado?

— Estou disposto a descobrir isso, se você estiver.

Eu não conseguiria nem esconder meu sorriso se tentasse.

— Disposta e pronta.

Capítulo 4

Duke

— Já passa da meia-noite — Dottie diz com entusiasmo quando entro pela porta. — Me conta *tudo*. Você está apaixonado? — Ela ri depois de dizer a última palavra, então a expressão em seu rosto muda quando entro na luz da cozinha e tiro meu casaco.

— Isso é… sangue?

— Não é meu.

— Então de quem é? Marmaduke Arthur Fox, você se meteu em uma briga?

— Não, o sangue é dela. E não me chame de Marmaduke, você sabe o quanto eu odeio isso.

— Pelo menos você recebeu o nome do personagem principal. Eu recebi o nome da mãe de quem ninguém nunca se lembra.

— Pelo menos ela é humana, e você não foi zoada por isso a vida toda.

— Sou obrigada a concordar. Mas não mude de assunto. O que aconteceu com a moça?

Olho para ela por um momento e então decido me conter e não apontar exatamente quem saiu pela tangente.

— Ela foi atingida no rosto por uma porta vaivém quando estávamos saindo. Levou uma portada bem no nariz e havia sangue por todo lado.

Ela cobre a boca com a mão enquanto suspira.

— Nossa! Quebrou?

— Acho que não. A esposa do dono apareceu e cuidou de tudo.

Dottie levanta a sobrancelha.

— Você a deixou lá?

— O quê? Não. Não sou babaca assim. Senti como se estivesse atrapalhando, mas fiquei por perto até que a esposa do dono a levou para casa, e ele seguiu atrás no carro dela. Depois que eles se foram e eu tive certeza de que ela estava bem, fui embora.

— Que final horrível para um encontro.

Sento e começo a desamarrar minhas botas. A coisa toda foi horrível, para ser honesto.

— Vocês não se deram bem?

— Ela é incrível. Mas…

— Mas o quê?

— Estou atraído demais por ela, mas não tenho certeza se temos algo em comum. A única coisa em que parecemos concordar é no cheiro daquela maldita vela. Em todo o resto, somos completos opostos.

— Como assim?

— Para começar, eu gosto de carros e ela gosta de meditação. Eu leio jornal e ela lê romances. Gosto de acordar e ver aonde o dia me leva, e ela gosta de receber conselhos de um baralho de cartas com figuras. Eu só… — Deixo escapar um suspiro e balanço a cabeça. — Sendo honesto, o que realmente me incomoda é a idade. Sou velho demais para ela. Tenho quarenta e oito anos e ela vinte e nove.

— Dezenove anos. Não é tão ruim assim.

— Será em dez anos quando eu estiver chegando aos sessenta e ela tiver apenas a sua idade agora.

Dottie suspira.

— Então esse é o seu grande problema. Ela faz você se sentir velho?

Tiro as duas botas e as enfio debaixo da mesa. Me inclino para trás na cadeira, que range com o movimento.

— Velho, por fora, preso aos meus hábitos. Ava é uma lufada de ar fresco e, na maioria das vezes, eu tenho cheiro de poço de petróleo. E o jeito como ela fala sobre as coisas que gosta… lembro de como seu rosto se iluminou quando ela descreveu que a energia dos cristais e a orientação do tarot a levaram a fazer essa viagem a Whisper Valley. Foi naquele momento que decidi que ela era boa demais para mim. Boa demais para qualquer um, na verdade. Ela é uma daquelas pessoas com um espírito que deve ser selvagem, livre e sem fardos. A última coisa que quero é sobrecarregar uma mulher tão pura quanto Ava. Apesar de estar atraído por ela, não tenho o

direito de fazer parte da vida daquela jovem. Vou machucar seu espírito, disso tenho certeza. Eu simplesmente não sou o homem para ela — termino.

Dottie pega sua caneca de chá e toma um gole.

— Parece que esse encontro não foi tão ruim se você conseguir ignorar toda essa autodepreciação.

— Estou apenas sendo realista.

— Acho que isso significa que você não vai vê-la novamente?

— Mesmo que eu quisesse, ela vai embora terça-feira.

— Você não vai nem passar pra ver como ficou o rosto dela depois de ser atacada por uma porta?

— Duvido que ela queira me ver. Não foi um bom encontro. A pobre garota teve que falar tudo enquanto eu ficava sentado ali, percebendo que ela era boa demais para mim.

— Pelo que estou entendendo aqui, você se sentou em silêncio e a ouviu falar sobre as coisas que ela ama, certo?

— Bem, sim. Eu não queria entediá-la com…

— Então acho que você descobrirá que foi um encontro incrível — ela diz, sorrindo enquanto se levanta da cadeira e coloca a caneca na pia. — Acho que está deixando velhas feridas guiarem as vozes em sua cabeça. Você não é chato, não é muito velho e tem muitas coisas boas a oferecer a uma mulher.

Eu bufo e me viro, mas Dottie volta para perto e coloca a mão no meu ombro.

— Sei que é difícil para você se arriscar de novo, mas acho que deveria pelo menos ir ver se ela está bem. A garota deve estar envergonhada e sentindo muita pena de si mesma. Além disso, o que você tem a perder?

— O último resquício de autoestima que tenho quando ela me rejeitar por ser chato e velho.

— Me parece que você está apenas sendo um gatão medroso, irmão. E, se bem me lembro, quando eu estava insegura sobre comprar a casa, foi você quem disse que se eu nunca arriscasse, nunca colheria os frutos.

— Não parece algo que eu diria.

Ela ri.

— Bem, mas disse. Então talvez deva seguir seu próprio conselho. Tenho um bom pressentimento sobre essa garota, mesmo que você não tenha. — Dando um beijo na minha bochecha, ela me deseja boa noite e vai

para a cama, me deixando sozinho com meus pensamentos e os ecos da risada de Ava abafando as constantes memórias do meu passado.

Talvez eu deva passar lá para ver como ela está?

Capítulo 5

Ava

Uma batida na porta me acorda na manhã seguinte, e eu me levanto da cama em um pulo e corro para tender, na esperança de que seja Duke. Eu quero muito ter a chance de tentar falar com ele de novo, porque sinto que a noite passada foi um pouco… estranha.

Para ser sincera, foi pior do que isso. Fiquei tão nervosa que não consegui parar de falar, e o pobre homem não conseguiu dizer uma palavra sequer. Depois, fiquei tão ocupada olhando para ele que dei de cara com a porta e… ai… queria que pudéssemos fazer tudo de novo.

— Oi, trouxe café da manhã para você — Jade diz com um sorriso quando abro a porta.

Por mais feliz que eu esteja em ver Jade, que foi tão boa comigo ontem à noite depois do incidente da porta, não consigo deixar de me sentir um pouco desanimada. *E se minha falta de jeito o assustou e ele não quiser mais me ver?*

— Ah… Obrigada. Entre — digo, dando um passo para trás e abrindo mais a porta para abrir caminho.

Jade suspira.

— Que foi? — pergunto, virando-me para o caso de o lugar estar mais bagunçado do que eu imaginava, ou pior, um guaxinim rebelde tiver entrado e estar prestes a nos atacar!

— Não é nada — ela me assegura, colocando a mão no meu braço. — Eu só não esperava que seu rosto estivesse tão… inchado.

— O quê? — repito, meu vocabulário reduzido a variações agudas da mesma palavra.

Corro para o banheiro, acendo a luz e me olho no espelho. Não só meu cabelo cacheado está todinho emaranhado, mas meus olhos e a ponta

do meu nariz estão inchados e roxos. Meus olhos estão tão pequenos que eu poderia representar o personagem Mole em "*O Vento nos Salgueiros*". Não tem como eu ver Duke de novo enquanto estiver assim. Ele vai me achar horrível e correr gritando na direção oposta, se é que já não fez isso. Solto um longo gemido.

— Não está *tão* ruim assim — Jade diz da porta. — Alguns dias de gelo e descanso e você voltará ao normal.

— Não tenho alguns dias. Vou embora na terça-feira e… — Aperto os lábios e solto um suspiro. — Talvez Clementine estivesse errada.

— Sobre? — ela se aproxima e eu abaixo os olhos.

— Sobre eu conhecer minha chama gêmea. Ela leu as cartas para mim ontem à tarde e, depois que saí de lá, foi um desastre atrás do outro. No começo, pensei que tinha batido no carro do Duke porque era o destino nos forçando a nos encontrar. Mas então saímos para jantar e eu estraguei tudo tagarelando tanto que ele nem conseguia falar. Eu sabia que estava fazendo isso, mas minha maldita boca não parava de falar e eu não conseguia me conter. E aí, quando ele foi gentil o suficiente para ainda querer me acompanhar até o carro, fui uma desajeitada e bati de cara na porta, sujei a camisa bonita dele toda de sangue, e agora, quando eu esperava vê-lo de novo e tentar salvar as coisas, estou parecendo uma toupeira e provavelmente deveria interpretar isso como um sinal de que as cartas estavam erradas, não há chama gêmea e eu deveria me esconder no escuro, longe das pessoas, que é o meu lugar.

Faço beicinho e limpo a área abaixo dos olhos com as costas das mãos. Jade apenas olha para mim com as sobrancelhas arqueadas.

— Nossa, caprichou na coitadolândia, hein — ela diz, colocando as mãos na cintura e me fazendo rir um pouco com sua franqueza. — Você parece minha filha de cinco anos quando acaba o tempo que ela pode usar o tablet. E, deixa eu te dizer, o mundo *nunca* é justo quando o tempo de tela acaba.

— Você tem uma filha?

— Duas, na verdade. A mais velha, Abby, está no jardim de infância, e a mais nova, Lourdes, está em casa curtindo um momento de pai e filha enquanto eu faço algumas coisas e visito minha nova amiga.

Um sorriso lento surge em meu rosto.

— Nós somos amigas?

— A menos que você não queira ser.

— Não! Quero dizer, sim, eu adoraria ser sua amiga. Não, não quero que você pense que não quero ser sua amiga.

Jade sorri.

— Então por que não mostra esse seu rosto inchado aqui e me conta tudo sobre você enquanto comemos as guloseimas deliciosas da padaria da minha cunhada? O nome dela é Yvette, e a mulher é fofa como um suspiro, o que significa que suas criações são ainda mais doces. Manda ver — ela diz, apontando para o saco rosa de confeitaria no meu balcão depois que a sigo até a cozinha. — Também tem café. Não sabia como você gostava, então pedi um café com leite normal com açúcar à parte.

— Está perfeito. Obrigada — digo, parando ao lado do balcão enquanto ela desempacota croissants, bolinhos, donuts e muffins. — Não sei como vamos comer tudo isso, mas a cara e o cheiro estão incríveis.

— Yvette gosta de preparar muitas coisas sempre que trazemos uma garota nova para o grupo.

— Grupo? — pergunto, franzindo um pouco a testa enquanto ela me passa meu café e alguns sachês de açúcar.

— Está mais para um clube. Chama-se Whisper Valley Soulwink Society e não temos um novo membro há *cinco* anos. Dá pra acreditar?

— Uhmm, não sei. Acho que depende de quais são os critérios — digo, me perguntando o que diabos está acontecendo.

Será que, de alguma forma, acabei me metendo em uma sociedade secreta de cidade pequena? Vou ter que passar por um trote? Porque se for, então terei que me retirar, porque *não* sobrevivi à semana de trotes na faculdade e, portanto, nunca cheguei nem perto de entrar para uma irmandade.

— Tem razão. É um conjunto de critérios muito específico. Nós achamos que teríamos que esperar até que nossos filhos crescessem para conseguir novos membros, mas então Clementine encontrou aqueles cristais todos no lago e os colocou nas velas, e, bem, agora você está aqui. — Ela sorri com um suspiro feliz, e eu enfio um croissant na boca para não começar a surtar.

Isso é muito específico!

— Vejo que você não está entendendo muito bem do que estou falando — Jade acrescenta. E eu aceno, porque não entendo. Nadica de nada.

— Está tentando dizer que eu me qualifico porque comprei as velas

da Clementine?

Jade ri.

— Ah, não. Mas, pode ser isso também.

— Não entendi.

— É mais sobre o que aconteceu *depois* que você comprou as velas.

— Bater no carro do Duke?

— Tipo isso. Me conta o que aconteceu quando vocês se conheceram.

— Ele me assustou e tentei me defender com o limpador de para-brisa quebrado do carro dele.

Ela ri de novo, e acho que entendo, porque minhas ações foram bem cômicas. O problema é que Jade está rindo como se eu não estivesse entendendo, em vez de rir como se me achasse engraçada. Estou tão confusa.

— O que você sentiu em seu corpo? — ela pergunta. — Quando olhou nos olhos dele pela primeira vez, aconteceu alguma coisa que fez você prestar mais atenção?

Franzo a testa.

— Você quer dizer, tipo, a maneira como meu peito ficou apertado e minha barriga vibrou porque… bem, não vou mentir aqui, o homem é *deslumbrante*. Eu queria me jogar em cima dele e prometer ter todos os seus bebês.

Um sorriso sereno cruza o rosto de Jade enquanto ela concorda.

— Gosto de chamar esse sentimento de piscada de alma — diz.

— Piscada de alma?

— Sim. É um *entendimento* repentino que te atinge no momento em que você conhece sua verdadeira alma gêmea, ou chama gêmea, como você disse. Aquela pessoa perfeita que vai te amar por tudo o que você é e por tudo o que você sempre será, com todos os seus defeitos. Vocês se completam.

— Acha que foi isso que aconteceu quando conheci Duke?

— Acho, sim.

— Mesmo que nosso encontro tenha sido um desastre e ele provavelmente nunca mais queira falar comigo?

— Não foi um desastre. E ele vai querer te ver de novo. Duke também sentiu isso. Vi o jeito que ele estava olhando para você ontem à noite.

— Achei que ele estivesse pensando "*alguém pode, por favor, fazer essa chata calar a boca por um segundo?*" — eu bufo, colocando um pedacinho de donut na boca dessa vez. É uma delícia.

— Talvez estivesse, talvez não. Mas o que eu sei com certeza é que ele não conseguia tirar os olhos de você. Duke sabe, sem que lhe digam, que há algo especial em você. Ele não vai resistir e vai te procurar novamente.

— Como você sabe de tudo isso? Você também faz leituras?

— Na verdade, não. Sou apenas uma alma esperançosa que viu isso acontecer diversas vezes. Oito, para ser exata. Com todos os homens Valentine e suas esposas. Quando conheci meu marido, Kellen, que você conheceu ontem à noite, foi como se minha alma acordasse e dissesse: "É ele. Esse é o homem com quem você pertence". E ele sentiu isso também. Com tanta força que nos casamos no dia seguinte e estamos juntos desde então, e vimos todos os seus irmãos e primos se apaixonarem rápida e intensamente e irem em direção aos seus finais felizes. Descobrimos que o lago na propriedade deles é o único lugar na montanha onde existem aquelas pedras usadas nas velas. Clementine tinha uma teoria de que elas eram a chave para desbloquear a piscada de alma para os outros, e bem… ela estava certa. Porque aqui está você, porque comprou uma vela e reconheceu o cheiro.

Tem muito mais donut na minha boca do que espaço. Não tenho ideia do que responder, então apenas concordo com a cabeça. *Não chame a louca de louca na cara dela*.

— Posso ver que você está tendo dificuldade em acreditar em mim — ela diz, ainda sorrindo.

Balanço a cabeça e tento dizer: "De jeito nenhum. Faz *todo* o sentido". Mas tudo o que eu digo são balbucios com a boca cheia.

— Está tudo bem — Jade diz, pegando sua bolsa e mantendo aquela compostura serena enquanto se prepara para sair. — A maioria da família também não acreditou no começo. Mas você verá. E quando fizer isso, seu casaco estará esperando por você e Remy adicionará seu coquetel especial à lista.

Casaco? Coquetel? Tento engolir, mas minha boca está seca, então preciso tomar um pouco de café para amolecer a massa. Jade já chegou à porta quando consigo abrir espaço suficiente para o som sair.

— Espere. Você não precisa ir. Peço desculpas se pareci rude.

— De jeito nenhum — ela diz ao chegar à porta. — Você entenderá a piscada de alma no seu próprio tempo.

— Mas eu não queria te expulsar.

— Você não fez isso. Só tenho algumas coisas que preciso fazer antes de voltar para casa. Além disso, acho que você descobrirá que tem visita.

— Tenho o quê?

Ela abre a porta e ali, com uma mão levantada como se fosse bater e a outra segurando um buquê de flores, está Duke, o lindo Duke, parecendo ainda mais delicioso em uma camiseta branca justa, calça jeans clara e botas pretas. Meus ovários aceleram seus motores.

— Hã…oi — Duke cumprimenta, passando a mão pelo cabelo antes de deixá-la cair ao lado do corpo. — Estas são para você. — Ele gesticula com as flores em minha direção, e eu sorrio enquanto Jade se afasta para deixá-lo entrar.

— Vou deixar vocês a sós — ela diz, desaparecendo pela porta aberta e fechando-a suavemente atrás de si.

Capítulo 6

Duke

— Desculpe se minha visita interrompeu você e a sua amiga — digo enquanto olho para a porta pela qual a mulher loira saiu prontamente, antes de me virar para Ava e entregar as flores.

Minhas palmas estão suadas e tento limpá-las na calça jeans sem dar muito na telha. Não sei o motivo, mas mesmo depois do nosso encontro confuso, só estar perto dessa mulher já me deixa nervoso.

— Você não interrompeu nada — ela diz depressa, levantando o buquê e inalando o doce aroma antes de me oferecer um sorriso igualmente doce. — Ela estava apenas… — Ava solta um suspiro e balança a cabeça. — Na verdade, não sei o que ela estava fazendo. Foi uma interação um tanto confusa.

— Cidades pequenas, hein? — comento, seguindo-a enquanto ela leva as flores para a cozinha e procura um vaso.

— Acho que sim. — Ava encontra um no armário embaixo da pia, coloca as flores de lado e enche o vaso com água. — A parte da hospitalidade é boa. Ela trouxe comida, e agora você chegou com flores. — Ela olha para mim por cima do ombro. — A propósito, obrigada. Elas são lindas.

Enfiando as mãos nos bolsos, dou de ombros.

— Achei que flores era o mínimo que eu poderia oferecer depois do jeito que a noite passada terminou.

— Sinto muito por isso. Não sei o que deu em mim ontem à noite. Na verdade, estou surpresa que você esteja aqui.

— Não há nada de que se desculpar. Eu queria saber como você estava. — Mesmo que tenha precisado de um empurrãozinho da minha irmã para que eu chegasse até aqui. — Como está se sentindo hoje?

— Como se eu tivesse levado uma pancada no rosto com uma porta de madeira — Ava responde, sorrindo para mim e congelando de repente, seus olhos se arregalando, tanto quanto dois olhos inchados podem se arregalar, antes de engasgar e sair correndo dizendo: — Ah, merda.

Uma porta bate em algum lugar da casa, e eu fico na cozinha, com a torneira aberta e um vaso transbordando.

— Uhm… tá tudo bem? — eu grito, fechando a torneira e drenando um pouco da água.

— *Só um minuto*. — Ouço de longe, e me ocupo colocando as flores no vaso enquanto espero, limpando a bagunça e até mesmo encontrando um lugar agradável para deixar o vaso de flores antes que Ava por fim volte.

— Você vai a algum lugar? — pergunto quando me viro e a encontro com um vestido xadrez rosa e um chapéu de sol de aba larga, em um tom de rosa mais escuro, em vez da calça de moletom e camiseta larga de antes. O rosto está completamente maquiado para esconder os hematomas ao redor dos olhos, mas isso não ajuda muito a disfarçar o inchaço, não que eu consiga ver bem os olhos dela com aquele chapéu no caminho. — Posso ir embora, se você precisar.

— Ah, não. Não vou a lugar nenhum. Por favor, você não quer se sentar? — Ava sorri e gesticula para a mesa da cozinha.

Eu faço o que ela pede e sento, tentando entender o que diabos está acontecendo enquanto ela tenta andar pela casa com um chapéu gigante no caminho.

Ava bate no canto do balcão com o quadril e faz uma careta.

— Por que não me deixa ajudá-la? — digo, pulando da cadeira e assumindo a tarefa de organizar as guloseimas em uma bandeja de servir.

Ela fica parada por um momento, como se não soubesse direito o que fazer ou dizer em seguida, então tento ajudar de novo falando primeiro, mas isso só acaba com os dois dizendo “sobre a noite passada” ao mesmo tempo, depois rindo sem jeito e novamente dizendo “você primeiro”, também juntos.

— Primeiro as damas — comento sorrindo porque, apesar da confusão do encontro da noite passada, há algo nessa mulher que me atrai. Não sei o que é ou por que isso está acontecendo, mas acho que Dottie estava certa e devo a mim mesmo arriscar ou passar a vida sem saber.

— Eu só queria me desculpar pela maneira como me comportei —

ela diz, o rosto tão escondido por esse maldito chapéu que não consigo ler sua expressão corretamente.

— Como assim?

— Monopolizei a noite inteira falando sem parar, depois arruinei qualquer chance de terminar bem com minha falta de jeito. Fiquei tão nervosa quando você chegou porque você é tão, *tão* gostoso — essa parte me faz rir — que eu não conseguia parar de falar bobagens. E eu conseguia me ouvir falando sem parar, e até disse a mim mesma na mente para calar a boca, mas simplesmente não conseguia… — Ela se vira para fazer outra coisa e acaba batendo no armário com um baque. Giro depressa e a seguro pelos ombros. — Está vendo? Sou uma desastrada. Pode ir embora se isso for demais.

Algo aperta meu coração no momento em que ela se menospreza daquele jeito, e logo me arrependo de qualquer sentimento que tive ao sair do nosso encontro ontem à noite. Fui para casa pensando que não era bom o suficiente para Ava, e aqui está ela, se sentindo como se não fosse boa o suficiente para ninguém. Não vou tolerar isso.

— Que tal tirarmos esse treco? — sugiro, estendendo a mão e tirando o chapéu da cabeça de Ava, que logo ajeita seus cachos bagunçados. — Por que está vestindo essa coisa gigante, afinal?

Seu olhar vai dos meus olhos para o chão.

— Eu não queria que você visse meu rosto horrível, todo inchado do jeito que está — ela sussurra, a voz um pouco trêmula.

— Ah, gatinha — digo, colocando o chapéu de lado e levantando seu rosto para que seus olhos encontrem os meus. — Você é provavelmente a coisinha mais linda que já vi. Olhos inchados ou não. Não precisava colocar tudo isso na cara por mim. Vim aqui para ver *você*, não importa como esteja. Não ouse se esconder atrás de uma máscara por mim.

Seus olhos lacrimejantes e vulneráveis encontram os meus e, sem pensar duas vezes, levo minha boca até a dela e dou um beijo suave em seus lábios.

— Que tal tentarmos esse encontro novamente?

Capítulo 7

Ava

Duke me leva para almoçar em uma pequena cafeteria na rua principal de Whisper Valley. É um ambiente de pouca pressão (já que todos sabemos que os almoços não terminam da mesma forma que os jantares às vezes terminam), onde posso comer batatas fritas e fazer perguntas em vez de ficar tagarelando sobre meus interesses mais uma vez.

— Onde você cresceu? — pergunto, mexendo uma batata frita no potinho de ketchup enquanto bebo meu milkshake de caramelo.

Duke me observa e sorri enquanto come seu sanduíche *Reuben*.

— Em uma cidadezinha chamada Cedarwood Valley.

— Muito pequena?

— Pequena porque não tem muita gente, mas é grande em tamanho. Muitas terras agrícolas, principalmente com gado.

— Você é um garoto de fazenda, Duke? — pergunto, sorrindo enquanto o imagino cavalgando com um daqueles chapéus de cowboy, ou carregando feno sem camisa no verão.

Minha imaginação pode estar muito longe da realidade, já que minha única experiência com a vida na fazenda vem do que vi na TV, mas mesmo assim gosto dela.

— Eu era. Mas então meus pais venderam suas terras para um fazendeiro vizinho e nos mudamos para os subúrbios nos arredores de Sugar City.

— Foi lá que você aprendeu a ser mecânico?

— Foi. Não era muito de estudos, então abandonei a escola quando tinha dezesseis anos e consegui um estágio. Depois trabalhei para a mesma rede de oficinas até alguns anos atrás, quando eles se fundiram com a concorrência e vários de nós fomos demitidos.

Eu suspiro e levo a mão direto ao peito.

— Que horrível. Por quantos anos você trabalhou para eles?

— Bom, isso seria revelar minha idade — ele diz, me dando um meio sorriso e uma piscadinha.

— Sua idade não vai mudar o quanto eu gosto de você, Duke — digo, meu tom ficando sério enquanto espero a resposta. Seus olhos encontram os meus e ele aperta os lábios em um sorriso cauteloso, fazendo com que as rugas de expressão ao redor dos seus olhos se aprofundem. Acho que elas o deixam muito sexy.

— Trinta anos — ele diz por fim, desviando o olhar para a caneca de café que ainda está tomando. Duke a ergue e toma um gole, e não me escapa que ele trabalha como mecânico desde antes de eu nascer.

Nossa diferença de idade não me incomoda tanto quanto parece incomodá-lo, então tenho o cuidado de responder de uma forma que não evidencie o fato de que tenho apenas vinte e nove anos, enquanto ele está chegando aos cinquenta, pelos meus cálculos.

— Deve ter sido muito doloroso — comento, estendendo o braço sobre a mesa e colocando a mão sobre a dele. Duke olha para mim novamente, seus olhos menos cautelosos dessa vez.

— Não foi uma grande perda — ele diz com um sorriso. — Mas com o pagamento pude vir para Whisper Valley e abrir minha própria loja ao lado da loja da minha irmã.

— Sua irmã também é mecânica?

— Ela é tatuadora e também administradora de vinhedos em ascensão. Ela comprou uma propriedade antiga há algum tempo, e estamos restaurando-a à sua antiga glória aos pouquinhos.

— Sério? Que fascinante! Você e sua irmã devem ser próximos.

— Sim e não. Há nove anos de diferença entre nós, então meio que crescemos na mesma casa, mas tivemos criações diferentes, sabe? Ela mal se lembra da fazenda, então acho que essa é a maneira dela de dar vida a todas essas histórias antigas.

— Espero que dê certo para ela, bem, para vocês dois. Parece um ótimo projeto.

— E é. Mas definitivamente é tudo da minha irmã, e ela tem grandes planos para o lugar. Sou apenas o trabalhador braçal que faz o trabalho pesado enquanto moro lá sem pagar aluguel.

— Tenho certeza de que ela é grata.

— Ela é — Duke diz, tomando outro gole de café enquanto me observa continuar a comer.

— Acha que eu pedi comida de mais? — pergunto, colocando outra batata frita na boca. Já estou bem satisfeita com o hambúrguer duplo de bacon e meio milkshake de caramelo com adicional de sorvete extra, mas adoro batatas fritas e não vou parar até comer cada *delicioso* pedacinho.

— De jeito nenhum — responde, um sorriso lento tomando conta de seu rosto enquanto ele balança a cabeça. — Estou gostando do show. Acontece que eu gosto de mulheres que amam comida.

— A comida está sempre ao seu lado, mesmo quando as pessoas não estão. — Duke assente devagar, e eu empurro meu prato um pouco mais para perto dele. — Você pode pegar um pouco, se quiser.

— Eu não sonharia em deixar essa sua boca preciosa sem comida — sua voz fica rouca e seu olhar escurece enquanto ele se aproxima um pouco mais, toda sua atenção voltada para mim.

Como outra batata frita, sentindo o calor subindo pelas minhas bochechas e adorando essa nova interação com Duke. É como eu queria que a noite passada tivesse sido, se não tivesse deixado meus nervos me dominarem.

— Me conte mais sobre sua vida — peço, fascinada pelo homem alto e taciturno sentado à minha frente. Quero saber tudo e, como só vou aqui por mais alguns dias, quero saber agora.

— Não há muito o que contar. Eu conserto carros. Estou reformando a casa da fazenda. E assisto TV ou leio no meu tempo livre. Muitos me chamariam de chato.

— Não acho isso nada chato. Muitas pessoas hoje em dia acham que deveríamos estar sempre em movimento. Tenho que dizer que a correria é exaustiva. Por um tempo, fiquei envolvida nisso. Eu trabalhava oito horas no escritório, depois ia para casa e trabalhava na minha loja online, enquanto tentava arranjar tempo para o autocuidado obrigatório que todos dizem que precisamos ter, e simplesmente fiquei esgotada. Não acho que os humanos devam estar tão ocupados o tempo todo, então acho que a ideia certa é: escolha algumas coisas que goste de fazer e passe o restante do tempo descansando.

Quando termino meu pequeno discurso, percebo que ele está me olhando com uma expressão confusa no rosto. Isso me faz corar e perceber que fiz exatamente o que prometi a mim mesma que não faria.

Retomei a conversa:

— Desculpe. Nós deveríamos estar falando sobre você, e aqui vou eu, falando sobre mim e o que eu penso de novo.

— Acontece que eu gosto de ouvir seus pensamentos, Ava.

— Gosta?

Ele concorda.

— Eu ouvi você ontem à noite porque eu queria. Claro, fiquei ali sentado pensando, *meu Deus, essa garota é tão cheia de energia e vida que vai descobrir rapidinho que eu não sou nada além de um velho chato e não querer nada comigo.*

— Eu nunca pensaria isso. Também gosto da sua energia. Não que você teria imaginado, pelo jeito que eu estava ontem à noite, mas é calmante. Você me faz sentir segura.

Ele estreita um pouco os olhos.

— Você *precisa* se sentir segura, gatinha?

— Não é isso que todos nós estamos procurando? Um lugar seguro? Neste mundo, nenhum de nós cresce ileso.

— Me dê os nomes e endereços de *qualquer um* que te machucou, que eu vou garantir que eles se ajoelhem e implorem por seu perdão — Duke diz de repente, o dedo indicador apontando para a mesa. Não sei o porquê, mas acho a reação dele adorável; me faz sentir protegida.

— Só o fato de você sugerir uma coisa dessas me diz que estou exatamente onde preciso estar — digo, colocando minha mão sobre a dele de novo.

Duke relaxa a postura e sobrepõe o polegar ao meu, passando-o com delicadeza sobre minha mão.

— Não gosto da ideia de alguém te machucar.

— Dá pra ver. Mas ninguém está me machucando agora, e meu inimigo mais recente é uma porta giratória, então acho que podemos deixar isso de lado.

— Eu posso fazê-los trocarem as dobradiças.

— Ou eu poderia ser mais cuidadosa e olhar por onde ando, em vez de ficar olhando para o homem lindo com quem acabei de jantar com medo de ter estragado minha chance com ele.

— Você não estragou nada. — Duke levanta minha mão e dá um leve beijo nos meus dedos. — Quer sair daqui e caminhar comigo um pouco?

— Eu adoraria dar uma volta com você, Duke — respondo, sentindo-me toda quentinha e formigando ao me levantar da mesa e, feliz da vida, escolho seguir esse homem em vez de terminar as batatas fritas. *Talvez isso seja amor?*

Capítulo 8

Duke

— Sorvete? — sugiro, apontando para o carrinho parado sob a sombra de uma árvore nos jardins da cidade. É fim de semana, então o lugar está cheio de vida como sempre. Os sons de risadas infantis e conversas variadas enchem o ar, enquanto a música de um artista de rua atrai um pequeno grupo de ouvintes atentos. Um palhaço aproveita a plateia cativa e tenta vender balões, para desespero de um menino que grita e chora, tentando alcançar sua mãe. Coitado.

— Eu adoraria um sorvete — Ava diz, desviando os olhos do garotinho enquanto sua mãe o conforta e agradece educadamente ao palhaço pela atenção, ao mesmo tempo em que deixa claro que ele precisa ir embora.

— Você gosta de crianças? — pergunto, pegando a mão dela na minha e entrelaçando nossos dedos. Ava se inclina para mim e sorri, e percebo o quanto gosto de tê-la por perto. Hoje estava sendo tudo o que a noite passada não fora, e todas as minhas reservas iniciais desapareceram, como um balão perdido no céu azul.

— Sim — ela diz, olhando para mim enquanto entramos na fila do sorvete. — De preferência de outras pessoas.

— Você nunca pensou em ter filhos?

— Isso envolveria ter um homem interessado o suficiente para querer ser pai deles — responde antes de revirar os olhos e acrescentar: —, e nem comece a falar sobre como as mulheres podem fazer qualquer coisa que queiram sozinhas hoje em dia. Estou bem ciente das minhas opções, só prefiro que, quando ou se eu tiver filhos, eles sejam o produto de um relacionamento amoroso. Talvez eu seja antiquada nesse aspecto, mas é assim que eu vejo as coisas, e ninguém pode mudar minha opinião.

— Eu nem sonharia com isso, gatinha — digo, levantando sua mão e beijando os nós dos dedos, um hábito que percebo que estou repetindo mais quanto mais tempo passo perto dela.

— Por que você me chama assim?

— Gatinha?

— Sim.

— Combina com você. — Dou de ombros.

— Como? — Ava ri.

— Porque você é adorável e agressiva. Tentou se proteger usando meu limpador de para-brisa como um par de *nunchakus* quando nos conhecemos, lembra?

— Lembro. E estou surpresa por não ter arrancado meu olho junto. Ter movimentos graciosos não é meu ponto forte.

— Acho que vou ter que ficar segurando você para ter certeza de que estará sempre segura — digo, deslizando meu braço em volta da cintura dela e puxando-a um pouco mais para perto quando chegamos à frente da fila. — O que vai querer?

— Uhmm. — Ela bate no queixo enquanto se inclina para frente e verifica a seleção no carrinho do vendedor, então pede morango e chocolate.

Peço o mesmo, então levamos nossos sorvetes até a fonte, onde nos sentamos ao sol e esticamos as pernas, e eu tento não ficar excitado ao observá-la lamber a casquinha sem pressa. *Caramba.*

— Você gosta de viver em Whisper Valley? — ela pergunta depois de um tempo.

— Gosto mais daqui do que da cidade — digo, franzindo um pouco a testa levemente enquanto tento limpar a bagunça que estou fazendo por olhar mais para ela do que meu próprio sorvete. Está derretendo minha mão.

— Aqui — ela diz, me oferecendo um guardanapo. — Eu sempre pego uma quantidade extra porque inevitavelmente acaba caindo no meu rosto ou na roupa. Embora eu esteja tentando comer como uma dama aqui, então não vou enfiar um na gola da blusa como se fosse um babador.

— Ei, não deixe que eu te impeça. Não vou julgar. Aqui… — Estendo a mão, pego um guardanapo da pilha e o sacudo, cuidadosamente enfiando uma ponta no decote do vestido dela, tentando não demorar muito quando meus dedos roçam o topo dos seus seios, mas falhando quando sua

respiração acelera e nossos olhos se encontram.

— Duke — Ava sussurra, seus olhos baixando para meus lábios e me dando o sinal de que preciso para me inclinar e tomar sua boca na minha.

O sorvete cai da minha mão, aterrissando no chão com um baque, mas não dou a mínima porque tenho toda a doçura de que preciso bem aqui. Eu estava tão preocupado em ser velho e chato demais para ser compatível com ela, mas quando Ava se abre para mim e nossas línguas se movem juntas em sincronia, percebo que nada disso importa. Tempo, distância e tudo o que veio antes são apenas um monte de coisas que nos trouxeram a esse momento perfeito em que algo dentro de mim muda, e eu sei, sem sombra de dúvida, que essa mulher foi enviada a esta Terra só por mim. Ela é perfeita.

Agora tudo o que preciso fazer é descobrir como mantê-la comigo.

Capítulo 9

Ava

— Hoje foi meio que incrível — digo quando Duke me acompanha até a porta da frente e espera enquanto eu a destranco. — Até esqueci do meu rosto inchado durante a maior parte do tempo.

— Estou feliz por poder ajudar — ele diz, ficando para trás enquanto eu abro a porta e entro.

— Você não quer entrar? Quer dizer, não tenho muita coisa na geladeira, mas acho que tem um pouco de vinho e com certeza tenho chá e café.

Com as mãos atrás das costas, ele sorri de um jeito que me derrete completamente. Nunca desejei um homem do jeito que desejo Duke, e tenho a impressão de que o sentimento é mútuo, mas ele está tentando ser um cavalheiro. Não quero que ele seja um cavalheiro.

— Eu deveria ir — diz.

— E se eu não quiser que você vá? — pergunto num sussurro enquanto fico na sua frente e levanto o queixo. Posso sentir o calor do seu corpo irradiando para o meu e ver a batalha em seus olhos enquanto ele solta um suspiro lento e coloca as duas mãos em meus quadris.

— Estou tentando fazer o que é certo por você aqui, gatinha.

Chego mais perto e ronrono.

Duke geme.

— Não temos esse tempo todo, Duke — digo, deslizando minhas mãos por seus braços e pelo peito firme. — Não vamos desperdiçar esta noite quando só nos restam alguns dias.

Um ronco sai do seu peito enquanto ele me segura mais forte e seu olhar percorre meu rosto, enfim pousando na minha boca antes que sua determinação desapareça e seus lábios encontrem os meus, saciando nossa

fome deliciosamente. Então, de repente, suas mãos se movem para minha bunda, me levantando do chão como se eu não pesasse nada e me carregando para dentro de casa. Duke fecha a porta com o pé e me beija por todo o caminho até o quarto, e não para até me deitar na cama e pairar sobre mim.

— Você tem certeza disso? — Duke pergunta, parando por tempo suficiente para olhar para mim e ouvir a resposta.

— Tenho — digo, enredando os dedos em seu cabelo e puxando-o de volta para mim, meu corpo inteiro cheio de fogo, desejo e necessidade. Preciso desse homem. Preciso dele mais do que preciso da minha próxima respiração.

— Você é tão linda — Duke murmura, seus lábios tocando os meus antes de passar a língua no meu lábio inferior e eu me abrir para ele, gemendo enquanto Duke sela a boca sobre a minha e empurra essa língua incrível para dentro, sentindo o gosto do sorvete que tomamos antes.

Meus dedos apertam seu cabelo, e eu o puxo para mais perto de mim. Minha outra mão está sobre seu peito, puxando a camisa dele, enquanto Duke me beija com gemidos suaves que vibram contra minha mão e conseguem preencher meu corpo de uma forma que viaja até o meio das minhas pernas. Quero mais dele.

— Tem certeza de que não estou te machucando? — Duke pergunta, seus beijos indo para meu queixo e depois para meu pescoço.

— Por que você estaria me machucando? — Suspiro, inclinando o rosto para que ele tenha mais espaço, enquanto minhas mãos descem e puxam sua camisa da cintura da calça jeans.

— Seu nariz — Duke se afasta e olha nos meus olhos, e eu aproveito a oportunidade para puxar sua camisa para cima.

— Para ser honesta, estou tão focada no que está acontecendo agora que nem pensei sobre isso.

Com um sorriso, ele se inclina e me beija de novo, antes de tirar a camisa pela cabeça e deixá-la cair no chão, me dando uma visão fantástica de seu peito musculoso. Não tenho ideia do que um homem com abdômen de aço está fazendo comigo, uma mulher cheia de curvas, mas certamente fico grata por ser nas *minhas* curvas.

Este homem é o sonho de toda garota.

— Pelo visto você treina — digo, engolindo em seco e passando os dedos timidamente pelo centro do peito dele em direção ao você-sabe-o-

quê. Paro bem perto da fivela do cinto, e Duke levanta minha mão e beija cada dedo.

— Faz muito tempo que não faço isso. Fazer exercícios ajuda a me livrar da energia reprimida.

Ter um homem tão bonito e viril como Duke admitindo algo assim faz os cantos da minha boca se curvarem para cima. *Quer dizer que sou especial?*

— Quanto tempo? Por quê? Quer dizer, não me diga. Agora não é o momento certo.

Ele sorri e levanta meu braço acima da cabeça, apoiando-o na cama com nossos dedos entrelaçados.

— A resposta é há tempo demais, e porque eu não tinha encontrado uma mulher que me deixasse duro como você deixa.

Respiro fundo e estremeço quando as pontas dos dedos de sua mão livre encontram o caminho por baixo do meu vestido e sobem pela parte interna da minha coxa, tocando com leveza a pele na beira da minha calcinha de algodão.

— Quero te ver, gatinha — Duke diz, encostando os lábios nos meus enquanto levanta mais ainda meu vestido.

Eu me sento e deixo que ele tire meu vestido, então levo a mão para trás e abro o sutiã. Hesito por um momento, pensando se devo dizer que ele é o primeiro homem a me ver assim. Mas então percebo que um homem como ele deve achar muito trágico que uma mulher da minha idade nunca tenha estado com ninguém, mantenho minha boca firmemente fechada e me entrego ao processo. Algo no jeito como Duke olha para mim, no jeito como me toca, me faz sentir segura e desejada… Eu confio nele.

— Você é ainda mais sexy do que eu imaginava — Duke diz, rouco, a língua percorrendo seus lábios enquanto eu tiro o sutiã e ele vê meus seios fartos.

Ele olha para mim como se eu fosse sua próxima refeição, e isso me faz sentir bonita e poderosa, mas também muito vulnerável. Estou dando tudo a esse homem, meu corpo *e* meu coração, e acabei de conhecê-lo. Ou essa é a coisa mais louca que já fiz, ou a mais romântica. Mas, de qualquer forma, pretendo aproveitar cada momento. Eu só quero me sentir desejada e adorada, mesmo que logicamente isso só possa durar enquanto eu estiver na cidade.

Duke estende a mão e segura o peso do meu seio, passando o

polegar sobre o mamilo já ereto. Fica ainda mais rígido e eu arfo com a sensação.

— Porra, você é perfeita — Duke resmunga, inclinando-se sobre mim ao mesmo tempo em que eu me deito, coloca o mamilo na boca e o chupa, a língua esfregando de um lado a outro enquanto eu solto um gemido de prazer e me arqueio contra ele.

— Ah, meu Deus, Duke. Isso é tão bom.

Duke geme uma resposta, mudando de um movimento rápido para um redemoinho enquanto sua mão desliza pelo meu corpo até agarrar minha coxa, e nos reposiciona de modo que minhas pernas fiquem de cada lado dele, e há apenas o suficiente de seu peso pressionando a vontade entre minhas pernas. Eu gemo e meus quadris se movem sozinhos, ansiando por fricção e, talvez, algo mais.

— Pegue o que você precisa, gatinha — diz com sua voz rouca, beijando meu outro seio. — Só não ouse gozar. Você só vai gozar na minha língua — Duke pontua suas palavras sugando meu outro mamilo na boca, e sinto um choque de *tudo*.

— Ahhh.

Há algo no peso do seu corpo sobre o meu, no calor da sua boca e na pressão firme dele contra o meu âmago que faz minha cabeça girar, meu interior latejar e meu desejo aumentar. Eu o quero dentro de mim.

— Por favor, Duke. Preciso de mais.

— Mais? — Ele solta meu mamilo com um estalo da boca e desce pelo meu corpo. — Posso te dar mais, gatinha.

É então que ele abre bem minhas pernas e, em vez de puxar minha calcinha para baixo, ele aninha o rosto no algodão encharcado e inala com fome.

— Seu cheiro é tão bom que dá vontade de comer, Ava.

Minhas bochechas ficam mais quentes do que já estavam, e tenho que engolir um gemido. Eu não sabia que os homens pensavam assim, muito menos que falavam assim, e estou dividida entre estar envergonhada e completamente excitada. Porém, quando Duke olha para mim com nada além de desejo e vontade nos olhos, o último vence e deixo aquele gemido escapar.

— Você gosta quando eu falo assim, gatinha?

— Gosto. — Eu me apoio nos cotovelos e engulo para aliviar a garganta seca. — Você… uhm… quer que eu fale assim com você também?

Um lado da boca dele se levanta.

— Talvez. Podemos experimentar algum dia e ver como funciona. Mas, por enquanto, quero que você fique deitadinha para que eu possa me deleitar. Pode fazer isso por mim?

Quando deixo meu peso cair de volta na cama, minhas pernas tremem de nervosismo e desejo enquanto Duke puxa a calcinha para baixo, me lambendo antes mesmo que o tecido passe pelos meus pés. Com sua boca quente no meu clitóris, Duke tira minha calcinha do caminho e ajeita minhas pernas para ter melhor acesso. Eu grito de prazer e enfio os dedos em seu cabelo, rebolando contra seu rosto enquanto ele me devora e me provoca com carícias entusiasmadas da língua e beijos leves ao longo de minhas dobras macias.

Estou tão perto de explodir que choramingo e me contorço quando ele se senta sobre os calcanhares e abre bem minhas pernas dobradas. É uma sensação safada e lasciva ficar tão exposta na frente de um homem que mal conheço. Em geral, sou muito tímida e reservada quando se trata de homens, mas há algo em Duke que me faz querer que ele me veja por inteiro. Como todas as minhas amigas magras da cidade, quero ser a heroína desta história. Quero ser aquela que ele quer tanto que fica distraído. Quero que Duke olhe para mim e veja minha verdadeira beleza. Não a pessoa cheia de curvas que a sociedade me faz sentir culpada por ousar existir.

Quando Duke me dá um sorriso sonhador e passa a ponta do dedo pela parte interna da minha coxa, eu me pergunto se ele me vê de verdade mesmo. Porque, pela primeira vez na minha vida, um homem — um deus lindo e esculpido — está olhando para mim com fome nos olhos e eu quero dar tudo a ele. Essa história pode muito bem acabar não passando de uma aventura de férias, mas não significa que eu não vá encarar isso de corpo e alma, torcendo para que talvez se torne algo mais. Sou um pouco romântica incurável nesse sentido, mas, ao mesmo tempo, sou realista e posso levar ao pé da letra, entendendo que talvez seja só isso. Posso aceitar que seja uma memória maravilhosa, se essa for a extensão dessa situação a longo prazo.

— Pronta para gozar em mim, gatinha? — Duke pergunta enquanto seus dedos se aproximam da minha boceta, e eu movo meus quadris para mais perto, esperando que ele faça algo para preencher o vazio que está doendo dentro de mim. Duke faz uma pausa na minha entrada, me provocando ao circular a borda do meu calor, mal me tocando até eu

choramingar de necessidade mais uma vez.

— Por favor, Duke.

— Por favor? Então é isso que você quer? Quer que eu acabe com você com meus dedos, Ava? Ou talvez…talvez você queira meu pau?

A ideia de ele me encher com seu pau me faz gemer alto, e Duke sorri de um jeito que faz meu corpo todo tremer.

— Por favor, Duke. Sim. Quero tudo.

Duke se inclina e ri enquanto roça seus lábios molhados na parte interna sensível da minha coxa.

— E eu quero te dar isso, gatinha. Mas não vamos nos apressar. Temos mais do que apenas esta noite.

— O quê? — sussurro, levantando a cabeça e depois deixando-a cair para trás com um gemido quando ele enfia os dedos dentro de mim, me esticando de um jeito que faz meus olhos revirarem. — Ai, meu Deus!

— Deixa eu te ver — ele diz rouco, inclinando-se sobre mim enquanto bombeia com dois dedos, para dentro e para fora, para dentro e para fora, a pressão, a velocidade e a potência são tão perfeitas que meus músculos internos tremem.

— Puta merda. Isso!

Os dedos de Duke não param, mas sua voz assume um tom autoritário enquanto ele olha nos meus olhos.

— Não ouse gozar ainda, gatinha. Estou sentindo que você quer, mas preciso que aguente firme até que dizer que pode gozar.

— Ai, Deus. Como? Eu… não consigo.

Ele curva os dedos e empurra fundo.

— Consegue e vai. Você não vai se arrepender, Ava. Prometo.

Suspiro e me arqueio em sua direção, minha cabeça girando enquanto ele me esfrega de um jeito que quase me faz perder o controle, minha garganta seca e áspera e meu corpo em chamas. Preciso gozar, mas também não quero decepcioná-lo. Simplesmente não sei por quanto tempo vou conseguir aguentar isso.

— Por favor!

Descendo mais uma vez pelo meu corpo, Duke toca meu clitóris com a língua, rosnando enquanto faz pequenos círculos com ela, fazendo minha visão ficar branca e minhas terminações nervosas pegarem fogo.

— Duke! — Agarro seu cabelo, puxando-o para perto ou tentando afastá-lo, não sei qual dos dois, mas sei que preciso que algo aconteça,

senão vou ficar louca. Não aguento mais. — Por favor!

— Goza! — ele rosna, me prendendo no lugar com os braços em volta das minhas coxas enquanto enterra o rosto e vai mais fundo.

Um grito me escapa, meu corpo se despedaçando como um barco sendo esmagado contra uma rocha por uma onda enorme. Nunca senti nada assim e, enquanto grito, choro e me debato, Duke continua, lambendo e me esfregando, chupando e engolindo e tomando cada pedaço do meu orgasmo que consegue.

— *Duuuuukeeeeee*!!!!!

À medida que ele diminui a velocidade dos movimentos e me traz de volta ao quarto, à cama e à minha realidade atual, sinto-me de alguma forma mudada. Acabada, saciada e… calma. Antes disso, eu tinha passado muitas noites me perguntando, e experimentando, como seria ter um homem cuidando das minhas necessidades dessa forma. Nenhuma das minhas imaginações me preparou para isso. Estar com Duke é a perfeição e mal posso esperar pelo que vem a seguir.

— Uhmm. Isso foi perfeito, gatinha — ele resmunga enquanto sobe beijando meu corpo até chegar à minha boca e compartilhar meu sabor com um beijo profundo e reconfortante. — Mal posso esperar para fazer tudo isso de novo.

Duke se afasta e fica de joelhos antes de puxar os cobertores para me cobrir e me beijar na cabeça como se estivesse me colocando na cama para dormir.

— Espere. Você vai embora? E você? Também quero te dar prazer.

— Às vezes a expectativa vale um pouco de desconforto. E se esta noite servir de referência, esperar um pouco mais antes de fazer o que preciso com você será uma doce recompensa. Te vejo amanhã?

— Uhm…Certo. Que horas?

Ele pega a camisa e a veste pela cabeça.

— Passe na oficina na hora do almoço. Vou consertar seu carro e depois podemos passar a tarde juntos.

Eu me apoio nos cotovelos e sorrio.

— Você vai “matar aula” comigo, Duke?

Ele se debruça, encosta o nariz no meu, e meu corpo inteiro se ilumina de novo quando nossos lábios roçam.

— Vou fazer muito mais do que apenas “matar aula” com você, Ava. Isso eu posso te prometer.

Então Duke me beija longa e profundamente, e acho que esqueço de respirar até que ele se afasta, pisca para mim e diz que me verá amanhã enquanto sai pela porta.

Deitada na cama, olho para o teto com um sorriso enorme e dou um suspiro. Deve ser muito cedo para sequer pensar nisso, mas acho que posso estar apaixonada.

Capítulo 10

Duke

— Olá, irmão — Dottie diz por volta das onze da manhã seguinte. Ela costuma chegar ao estúdio de tatuagem nesse horário, e raramente atende clientes antes do almoço para, além de seu trabalho remunerado, ter tempo de trabalhar na fazenda. É um equilíbrio delicado. — Não pude deixar de notar que você chegou em casa bem tarde ontem à noite. Levar essas flores por aí mudou sua opinião sobre a compatibilidade de vocês?

— Talvez — digo, apertando o parafuso que segura a caixa do filtro de ar do motor que estou consertando.

— Talvez? — Dottie zomba. — Fala sério, Duke. Você tem que me dar mais do que isso. Eu te esperei a noite toda, bem, pelo menos enquanto consegui manter os olhos abertos. Então, não apenas estou sem dormir, mas também estou morrendo de vontade de saber o que aconteceu. — Largo minhas ferramentas e, quando viro para encará-la, ela sorri. — A menos que o fato de você estar sendo tão tímido seja porque as coisas correram muito, *muito* bem.

— Tivemos um bom dia juntos. — Pego um pano e me concentro em limpar minhas mãos, para não revelar nada ao olhar para ela.

— Dia? Era uma da madrugada na última vez que olhei o relógio.

— Tínhamos muito o que conversar.

— Conversaram sobre amor? — Dottie pergunta, rindo quando reviro os olhos e me afasto dela. — Vamos, Duke. Você tem que me contar alguma coisa aqui. Não vamos esquecer que fui eu quem esteve ao seu lado durante todos os seus momentos de mal humor, depois que aquela-cujo-nome-não-será-dito fugiu como a escória da Terra que eu sempre soube que ela era.

— Não preciso que me lembrem disso — digo com um suspiro

enquanto me viro para encará-la. — É algo que nunca sai da minha mente e, embora eu seja grato pela ajuda para levantar meu humor, há algumas coisas que um homem não quer compartilhar com sua irmãzinha.

Ela morde o lábio inferior enquanto luta contra um sorriso.

— Ah, você está corando. Na verdade, essa é toda a admissão de que preciso. Estou tão feliz por você, Duke! — minha irmã diz, dando um passo em minha direção e jogando os braços em volta do meu pescoço. — Eu sabia que você encontraria o caminho para o amor.

— Com uma garota que vai embora em alguns dias? Sim, fiz um trabalho incrível aí.

— Bem, de onde ela é?

— Sugar City. Ela trabalha para uma empresa de tecnologia e administra uma loja online nas horas vagas.

— Que legal. O que ela vende?

— Joias feitas à mão, pelo que parece.

— Ainda mais legal. Eu já gostava dela só porque te faz sorrir, mas agora sei que ela é inteligente, então isso é um ponto positivo para mim. E Sugar City não é tão longe. Certamente vocês dois podem dar um jeitinho. Sei que você é um baita cabeça dura, Duke, mas eu odiaria que deixasse essa garota escapar. Você merece ser feliz.

E, com isso, ela vai embora enquanto eu volto ao meu trabalho, pensando em suas palavras e me perguntando se um cara como eu… um homem que minha ex dizia não ter ambição, não ter coragem e não ser melhor do que um junco crescendo em um lago estagnado. Em suas palavras, ela não suportaria definhar comigo quando poderia ser como um dente-de-leão ao vento e encontrar alegria de verdade em outro lugar. E foi o que ela fez ao fugir com o guitarrista de uma banda que tocava em bares decadentes. Perdi meu emprego e minha namorada de longa data na mesma semana. Nunca me senti tão mal.

Mas foi então que Dottie interveio e me pediu para ajudá-la em Whisper Valley. Meu pagamento rescisório estava chegando e nada me impedia de ir embora, encontrar um caminho diferente em uma cidade que se adequasse ao meu estilo e nível de energia parecia fazer sentido.

E ela estava certa. Estou feliz em Whisper Valley. Em paz. Adoro ser meu próprio chefe e gosto de trabalhar na fazenda e no vinhedo com Dottie. Mas, mesmo assim, sabia que faltava alguma coisa. Agora que conheci Ava, sinto que talvez eu tenha encontrado. Talvez o motivo pelo

qual nada deu certo esse tempo todo e pelo qual eu não estava interessado em namorar seja porque eu estava esperando por ela.

Abaixo a cabeça e faço o máximo de trabalho que posso antes do almoço, de olho no relógio porque não consigo parar de pensar naqueles gemidos doces e na maneira como seu corpo reagiu ao meu toque, no gosto dela quando eu a tocava com minha boca. Ava me deixa inebriado e, à medida que o tempo passa, a expectativa de vê-la novamente começa a se fazer sentir em minha calça, e toda hora preciso me ajeitar para manter minha reação a ela escondida.

— Eu sei que dissemos almoço, mas fiquei com fome um pouco cedo — diz a voz angelical da mulher que eu estava esperando, um pouco antes do meio-dia. — Espero que não se importe.

Tirando minha cabeça de baixo do capô do Jeep em que estou trabalhando, me viro com um sorriso e a absorvo com um lento movimento do olhar. Ava não está usando um chapéu gigante ou maquiagem para esconder seus hematomas hoje — embora o inchaço tenha diminuído um pouco e ela esteja voltando a se parecer mais consigo mesma —, mas está usando outro vestido de verão que imediatamente me lembra o momento de ontem, quando puxei o vestido sobre sua cabeça e dei a primeira olhada nas suas curvas deliciosas. Pigarreio e desejo que meu pau se acalme. *Não vou durar muito se continuar pensando assim*.

— É sempre hora do almoço em algum lugar do mundo, certo? — comento, pegando um pano e me limpando o melhor que posso antes de me aproximar dela.

— Posso esperar se você precisar terminar o que está fazendo — Ava sussurra enquanto eu me inclino e pressiono os lábios em sua têmpora.

Meu Deus, ela cheira tão bem.

— Só preciso de uns minutos pra me limpar, gatinha. Depois sou todo seu.

Eu a beijo novamente e vou até a sala de descanso, onde lavo as mãos na pia e tiro o macacão sujo. Tirei a camisa e estou me limpando com um pano úmido quando ouço um movimento na porta e me viro.

— Não pare por minha causa — Ava fala, as bochechas vermelhas e a respiração pesada enquanto seu olhar viaja pelo meu peito e desce até o volume óbvio na calça. — Ou, melhor ainda, que tal você tirar tudo, e eu fico de joelhos e chupo seu pau até você ver estrelas e perder a capacidade de falar?

Meu pau dá um pulo e eu solto um gemido quando ela se aproxima. Mas antes que Ava possa agir, Dottie entra na sala de descanso e solta um grito que nos dá um baita susto.

— Ai, meu Deus! — Ava grita, tapando a boca com a mão.

Visto uma camiseta limpa depressa e murmuro alguns palavrões enquanto minha irmã levanta as mãos e tenta conter um sorriso malicioso.

— Ei, super apoio amor livre, e observar as estrelas vai ser incrível para meu irmão. Mas talvez você queira esperar até ficarem sozinhos, porque acho que nenhum de nós vai conseguir pagar a conta da terapia que eu precisaria depois de ver isso.

— Uhmm… — O rosto de Ava fica tão vermelho que ela parece um tomate.

Pigarreio e tento salvar a situação.

— Ava, gostaria que você conhecesse minha irmã, Dottie. Dottie, esta é Ava. — Encontro os olhos da minha irmã e acrescento entre dentes: — Comporte-se.

Dottie adota um sorriso meloso e olha para mim como se fosse mesmo aproveitar a oportunidade para tirar sarro de alguém que acabou de fazer besteira, mas felizmente ela desiste e é com um sorriso genuíno que se vira para Ava.

— É um prazer conhecê-la, Ava. Ouvi muitas coisas boas sobre você — ela diz, estendendo a mão para minha garota morta de vergonha.

— Uhmm, ahm… sim, digo o mesmo — Ava consegue dizer, apertando a mão de Dottie como se estivesse vivendo um sonho ou, mais provavelmente, um pesadelo.

— Duke disse que você faz joias para uma loja online?

— Só no meu tempo livre — Ava responde, afastando a mão de Dottie e limpando-a na lateral do vestido, nervosa. — Não sou boa o suficiente para fazer disso uma carreira.

— Como alguém que ganha a vida vendendo arte, você realmente precisa deixar que seus clientes decidam isso — Dottie diz, piscando para ela antes de ir até a geladeira, pegar uma garrafa de água e se despedir depressa, voltando para sua loja através da cortina preta.

— Você divide a sala de descanso com sua irmã — Ava afirma enquanto encara na direção que Dottie seguiu, pálida. — Acho que vou deitar no porta-malas de algum carro e fingir que minha vida acabou. Algum deles está prestes a ser destruído?

Ela dá dois passos em direção à oficina antes que eu chegue perto o suficiente para detê-la, passando minha mão em volta do seu braço e puxando-a para perto de mim.

— Não fuja, gatinha.

— Estou tão envergonhada, Duke. — Ela olha para mim com os olhos marejados. — Eu estava tentando falar besteira e, meu Deus, falhei de forma espetacular. Eu nunca deveria ter…

— O que você me disse foi sexy pra caramba, e *se* estivéssemos sozinhos, eu teria aceitado a oferta de bom grado — digo, virando-a para que ela fique de frente para mim. Minhas mãos vão ao redor da sua cintura.

— Sério?

— Com certeza.

— Bem, isso me faz sentir um pouco melhor. Passei a manhã toda tentando descobrir o que dizer. Até pesquisei na internet como fazer isso. E estava com tanto medo de parecer uma ridícula.

Coloco um dedo sob seu queixo e levanto seu rosto amuado.

— Nunca. Acontece que acho tudo em você adorável e sexy.

— Você acha?

— Com certeza. Eu não falo com muita gente. Na verdade, desde que mudei pra Whisper Valley, sou meio que um eremita fora da oficina. Você é uma lufada de ar fresco e luz do sol, e gosto de cada minuto que passo com você.

Ela sorri para mim e pressiona seu corpo macio contra o meu.

— Você está me deixando toda encantada aqui, Duke.

— Ótimo — digo, dando um beijo em sua boca, depois a seguro pela mão e guio Ava pela oficina, enquanto pego minhas chaves e tranco tudo.

Depois, transferimos a cesta de piquenique que ela trouxe para minha caminhonete e pegamos a estrada. Eu me esforço para manter nossos dedos entrelaçados sempre que possível. Tocá-la parece mais uma necessidade do que um desejo, e anseio pela conexão.

— Para onde está me levando? — Ava pergunta quando estamos na estrada, a paisagem arborizada de Whisper Valley passando depressa pelas janelas no caminho para o vinhedo.

— Vou te levar para ver a propriedade da minha irmã. Quero mostrar a você o que estamos fazendo com o lugar.

— Sério? Ah, isso parece maravilhoso. Estou animada. Nunca

estive em um vinhedo de verdade antes.

— Não fique muito animada, a terra está em processo de remineralização, então vai demorar alguns anos até que haja uvas para olhar. Depois, ainda mais tempo antes que haja uma gota de vinho, e vai saber se vai ser bom ou ruim.

— Parece que este lugar vai exigir muito trabalho e amor.

Olhando para ela por um momento, sorrio. Ava entende.

A maioria das pessoas com quem falamos sobre a vinícola questiona por que nos daríamos ao trabalho de gastar tanto tempo e dinheiro em um monte de “talvez”. Mas o que eles não entendem é que o que importa não é o objetivo, mas a jornada em si. Dottie e eu estamos gostando muito de nos reconectar enquanto trabalhamos juntos neste projeto.

— Dottie e eu nascemos com quase dez anos de diferença, então não fomos muito próximos quando éramos crianças. Como adultos, encontramos algo em comum, e o vinhedo faz parte disso. As uvas podem acabar sendo azedas e o vinho pode ter gosto de vinagre, mas sempre teremos as memórias.

— Sim — ela diz, olhando para mim com um sorriso tão doce que derrete meu coração. Ava é inequivocamente minha.

Quando estaciono em frente à casa da fazenda, desligo o motor e saio do carro, indo direto para o lado do passageiro para abrir a porta para Ava.

— Ora, obrigada, senhor — ela agradece, pegando minha mão e descendo da caminhonete. Seu vestido sobe um pouco, expondo as coxas de uma forma que ela não pretendia. E quando solta um gritinho e tenta puxar o tecido de volta para os joelhos, eu a impeço com minhas mãos em suas coxas e minha boca faminta em seus lábios.

— Talvez eu deva pular o passeio e te levar direto pro meu quarto — rosno enquanto a solto do meu beijo e deixo seu vestido cair de volta.

— Eu que não iria reclamar — ela sussurra, as mãos agarradas no algodão da minha camiseta.

Solto um suspiro enquanto olho em seus olhos cheios de desejo.

— É isso mesmo que você quer? Pular a parte de construir um relacionamento e cair na cama de uma vez?

— Bem, eu pensava assim até você usar as palavras “construir um relacionamento” em uma frase. É isso que estamos fazendo, Duke? Estamos construindo algo juntos?

— Espero que sim. Nunca conheci ninguém como você, Ava Monroe, então *alguns* dias não parecem bastar.

— Eu meio que sinto a mesma coisa por você, Duke Fox.

Sorrindo, eu me inclino e tomo sua boca na minha de novo, beijando-a suavemente até que a suavidade se torna firme, e eu começo a me perder nela mais uma vez. Tenho que me forçar a parar.

— Vamos fazer um tour — sussurro contra seus lábios enquanto ela ri.

— Sim. E mais dessa construção de relacionamento da qual você fala.

— Vamos — eu digo, pegando a cesta de piquenique e segurando a mão dela na minha. — Eu tenho o lugar perfeito para nós.

Capítulo 11

Ava

Duke me leva por uma trilha que atravessa o terreno, enquanto fala sobre o passado e sobre a propriedade. Aprendo mais sobre seu trabalho, e ele até me conta como seu relacionamento anterior terminou. Embora eu soubesse que um homem como Duke não teria levado uma vida solitária, ainda sinto uma centelha de ciúme momentâneo, mas depois alívio, porque percebo que a perda dela é meu ganho. Eu só queria que o fato de Duke ter se magoado não fosse consequência das ações dela. Mas prometo que nunca o trataria sem dignidade e ele me beija e me mostra o salão de eventos da propriedade, onde há uma cozinha industrial e um bar. É cercado por belos jardins — ainda que precisem ser aparados, e não consigo deixar de imaginar me casar aqui. É tão tranquilo.

— Alugar este lugar será uma forma de arrecadarmos dinheiro para financiar o crescimento do vinhedo. Além de ainda trabalharmos na oficina e no estúdio de tatuagem, claro. Não estamos planejando desistir desses negócios tão cedo.

Ele tira a toalha de piquenique da cesta que preparei e nos sentamos sob um arco coberto de rosas trepadeiras roxas. Pequenas mariposas e borboletas voam, agitadas devido à perturbação causada por duas pessoas sentadas tão perto de sua casa.

— Sempre pensei que estava me esforçando demais com meu trabalho e a loja virtual. Mas você e Dottie estão em outro nível. Fico surpresa que você tenha tempo para sentar comigo agora e comer.

— Não é trabalho quando você faz algo por amor — ele diz, pegando os recipientes de comida na cesta. — Este lugar é um projeto lento e constante. Não temos prazos curtos e rígidos para passar para a próxima fase.

— Bem, estou impressionada com tudo o que vocês fizeram até agora. Esse lugar é lindo.

— Mais lindo agora — Duke diz, sorrindo para mim enquanto serve duas taças do vinho rosé que eu trouxe e me entrega uma.

— Você é muito galante, sr. Fox.

— Deve ser por causa do nome — ele diz, brindando a taça na minha.

— As raposas supostamente não são astutas?

— É o que dizem, mas gosto de pensar que são mal compreendidas. Você já ouviu os gritinhos que elas dão? Adoráveis pra cacete.

— Você é um sentimental de coração mole, hein?

Ele pisca para mim e levanta a taça para tomar um gole.

— Não conte pra ninguém.

— Espere. Precisamos fazer um brinde — digo, estendendo a mão para detê-lo. O rosé espirra no rosto dele e eu solto um suspiro, entregando guardanapos imediatamente. — Merda. Eu não queria que isso acontecesse.

— Eu sei que não queria — Duke diz, limpando as gotas da pele e enxugando a camisa.

— Mas mesmo assim…

— A que você queria brindar?

Mordo o interior do meu lábio e sorrio.

— À nós. À sua eterna paciência. E às velas que me trouxeram aqui.

— Às velas? Você quer dizer, aquela que você deixou para mim na minha caminhonete?

— Sim. Não me lembro se já contei isso, mas dizem que têm o cheiro de Whisper Valley, e como eu adorei a ideia, quis vir aqui e ver se era verdade.

— E é?

Inclino a cabeça para trás e inspiro fundo, flores doces, grama terrosa e algo fresco e maravilhoso enchem o ar.

— Sim — eu digo, meus olhos pousando novamente nele.

— À nós e às velas então — ele diz, batendo a taça na minha antes de ambos tomarmos um longo gole. As bolhas dançam em minha língua. — Sabe, Dottie acendeu aquela vela e disse que não consegue sentir cheiro de nada.

— Sério? E você?

— Sinto um cheiro muito forte. Perguntei a ela qual era o cheiro, porque não consegui identificar o que era. Dottie disse que não tem cheiro de nada.

— Acho que tem cheiro de casa. Como se fosse o cheiro de algum lugar ao qual pertenço.

— Eu também acho — Duke fala, colocando a taça de lado e pegando minha mão. — Quer dizer, eu acho que é aqui, bem aqui, a que você pertence, Ava.

— Eu também gosto de pensar assim. Que havia uma razão pela qual eu comprei aquela vela e uma razão pela qual ela me trouxe até aqui, ao estúdio de yoga onde fiz a leitura de tarot e amassei seu carro na saída.

— Arranhou. Aquilo não pode ser chamado de amassado.

— Arranhei, então. Mas, independentemente do carro, não podemos negar que uma cadeia de eventos nos levou um ao outro; me levou até você.

— Os deuses devem estar sorrindo para nós — Duke comenta, pegando a taça da minha mão e se inclinando para roçar os lábios nos meus.

Logo nos entregamos ao beijo, uma sucção suave que se transforma em um profundo emaranhado de línguas e, depois, membros enquanto nos deitamos no cobertor e nos entregamos a essa linda tensão magnética entre nós. A mão de Duke desliza pela parte externa da minha coxa, encontrando o caminho por baixo do meu vestido. Estou pegando fogo.

— Duke — sussurro, sem fôlego entre os beijos.

— Sim, gatinha? — ele murmura, seus lábios se movendo para meu pescoço e depois para meu peito.

— Acho que há algo que você deveria saber.

Ele ergue a cabeça e franze o cenho.

— Por favor, não me diga que você já tem um namorado na sua cidade — ele resmunga, sentando-se e passando os dedos pelo cabelo escuro e bagunçado.

— Não. Nossa, não — eu respondo, quase rindo. — Nunca tive ninguém, Duke.

— Nunca? — Sua carranca se aprofunda.

— Nunca. Era isso que eu queria te dizer. Essa… coisa para a qual estamos caminhando, você será meu primeiro.

Sua expressão se suaviza e suas sobrancelhas saltam de confusão para surpresa.

— Você nunca fez sexo antes, gatinha?

Minhas bochechas esquentam e eu balanço a cabeça devagar.

Duke se afasta um pouco.

— Por que você não me contou antes?

— Para ser sincera, eu não tinha certeza se ia te contar. É meio constrangedor, sabe, ter vinte e nove anos e ainda ser virgem.

— Quê? Não! Eu acho que é… bem, acho que é incrível. Estou genuinamente honrado que você queira que sua primeira vez seja comigo.

— Está?

Ele sorri e acena com a cabeça.

— Sim — Duke responde, pegando minha mão antes de dar um beijo suave nos meus dedos. — Mas isso muda um pouco as coisas.

Eu me afasto, sentindo um aperto no estômago.

— O que você quer dizer?

— É só que… você esperou tanto tempo que eu gostaria de fazer o que é certo por você.

— Acho que não entendi.

— Você vai pensar que sou louco, mas me escute, ok? — Duke respira fundo enquanto olha profundamente nos meus olhos. — Acho que deveríamos nos casar.

Eu me levanto num salto.

— O quê?

— Eu sei o que você está pensando: *Esse cara é louco. Acabei de conhecê-lo e ele já está pensando em casamento e filhos.*

— Você está pensando em *filhos*?

Sua boca se curva em um sorrisinho.

— Bem, sim… Mas essa não é a questão porque essa parte não precisa acontecer até que você esteja pronta. A questão é que no momento em que olhei para você pela primeira vez, algo dentro de mim simplesmente soube. — Duke sorri enquanto pega minha mão de novo e se ajoelha. — Eu sabia que havia algo especial em você, Ava Monroe. Eu sabia que o universo havia trazido você até mim, exatamente como você disse antes. E acho que te trouxe até mim porque você deveria ser minha esposa. Case comigo.

Respiro fundo, cobrindo a boca com a mão livre enquanto olho para este lindo homem, que olha para mim com seriedade. Não há como negar que essa conexão que sinto com Duke é intensa e real, mas… casamento? Tão cedo? A ideia me assusta pra caramba. Ainda mais porque minha

família não tem um único exemplo de casamento bem-sucedido que me faça sentir confiante de que as coisas podem dar certo para mim.

Mas e se derem? E se as cartas estiverem certas e Duke e eu de fato estivéssemos destinados a ficar juntos? Eu seria louca de ir embora.

Capítulo 12

Duke

Gosto de pensar que estou em forma. Eu pratico exercícios diariamente, tenho um trabalho ativo e hobbies. Mas isso não muda o fato de que sou um homem de quarenta e nove anos que está colocando muita pressão em um joelho enquanto suo em bicas, esperando a resposta de Ava.

Pedir que ela se case comigo é um risco enorme. Eu sei que é repentino. Sei que é loucura. Mas isso não muda o fato de que me apaixonei por essa energia caótica no instante em que a vi. Por um momento, pensei que não poderia ser o homem de que ela precisava, mas depois de um empurrãozinho gentil de Dottie, voltei atrás e abri meu coração para a possibilidade de que essa garota é a pessoa certa para mim. A número um. Minha para sempre. E se eu disser isso agora ou daqui dez anos, esse fato não vai mudar. Estou apaixonado por Ava e quero que ela seja minha esposa e mãe dos meus filhos. Eu a quero ao meu lado agora e para sempre.

— Você entende que nos conhecemos há apenas alguns dias, certo? — ela pergunta, tirando a mão do rosto e piscando para conter as lágrimas de felicidade. — Quero dizer, sim, mas essa é provavelmente a coisa mais louca que já fiz na minha vida.

Demoro um segundo para entender.

— Sim? Você está dizendo sim?

Ela assente.

— Sim.

— Sim!

Levanto em um salto, pego-a nos braços e a levanto bem alto, girando-a até que ela deslize contra meu corpo, e capturo sua boca na minha, segurando-a com força e a beijando enquanto agradeço a qualquer ser superior que achou por bem nos unir.

— Você disse sim — falo enquanto a abaixo e seguro seu rosto entre minhas mãos.

— Eu disse sim.

— Eu vou te fazer tão feliz, gatinha.

— Eu sei que vai, Duke — ela diz, no momento em que uma gota grossa de chuva atinge sua bochecha rosada e os céus se abrem, chovendo sobre nós, embora o sol ainda esteja brilhando.

Eu a agarro e nos abrigamos sob o arco de flores, observando o sol que brilha no céu e a névoa que se forma ao nosso redor.

Ava estende a mão e pega algumas gotas na palma.

— Não sei se devemos considerar isso um presságio ou algo assim.

Quando me viro para ela e percebo como o sol a faz parecer um anjo, com aquele brilho enevoado iluminando ao redor e através de seu cabelo úmido, percebo que o único presságio aqui é bom. Se eu não achava isso antes, certamente acho agora. Ava foi enviada aqui para mim, e vou passar o resto da vida garantindo que ela nunca se arrependa de ter me escolhido.

— Acho que é o céu se abrindo e nos parabenizando — digo, sorrindo para ela enquanto arranco um brotinho da trepadeira e transformo o caule em um anel improvisado. — Se você der uma olhada ali, verá um arco-íris espetacular.

Ela segue meu olhar e suspira, e, quando se vira para mim, pego sua mão esquerda e deslizo a pequena flor sobre seu dedo.

— Então acho que devemos encarar isso como uma bênção. Até a mãe natureza acha que pertencemos um ao outro. — Dando um beijo em seus dedos, puxo-a um pouco mais para perto. — Estou apaixonado por você, Ava, e prometo que serei o marido que você merece.

Ela coloca as mãos no meu peito e levanta o queixo.

— Eu também estou apaixonada por você, Duke — Ava sussurra.

E tão rápido quanto a chuva começou, ela para, deixando aquele arco-íris magnífico para trás, enquanto nós dois permanecemos abaixo do arco, presos pelos lábios e unidos por nossas almas e nossos corações, nos prometendo um ao outro pelo resto de nossas vidas. *Eu nunca vou deixar essa garota preciosa ir embora*.

Capítulo 13

Ava

Duas semanas e um turbilhão de planejamento depois, ainda estou tentando entender o fato de que Duke realmente quer se casar comigo. Comigo. A garota desajeitada que danificou seu carro e depois sangrou em cima dele no nosso primeiro encontro.

De alguma forma, Duke viu além da minha falta de jeito, viu a mulher que sou por dentro, e acho que vou amá-lo para sempre por isso. Na verdade, eu não acho, eu *sei*. Porque, apesar da rapidez do seu pedido e da corrida em direção ao dia do nosso casamento, não há um pingo de dúvida em minha mente ou corpo de que Duke e eu somos feitos um para o outro.

— Não acredito que vou me casar hoje — digo, tocando minhas bochechas enquanto olho no espelho instalado no camarim da noiva no centro de eventos no vinhedo. No momento em que Dottie descobriu sobre o pedido de Duke, ela colocou todos os planos para a casa da fazenda em espera e concentrou todos os esforços de renovação em deixar o lugar em ordem para que Duke e eu pudéssemos ser o primeiro casal a se casar na propriedade.

Ela não fez isso sem ajuda, e foi preciso um esforço hercúleo para deixar tudo pronto tão rápido. Mas tenho que dar o devido crédito às pessoas de Whisper Valley, a família Valentine em particular, porque quando dissemos que queríamos nos casar o mais rápido possível, todos que conhecíamos contataram todos que conheciam e se mobilizaram como se não houvesse amanhã, com Jade e Dottie logo se tornando amigas e liderando o movimento. Eu não tinha muita rede de apoio em Sugar City, mas aqui em Whisper Valley já sinto que faço parte da família. Estou muito feliz por ter tido a oportunidade de vir. E ainda mais feliz por ter decidido não ir embora.

— Você está perfeita — Dottie elogia, prendendo a coroa do véu no topo da minha cabeça. — Parece uma princesa. Meu irmão vai perder a cabeça quando te vir com esse vestido.

— É deslumbrante — digo, passando a mão sobre a delicada sobreposição de renda do vestido justo. Eu pareço a versão nupcial da Jessica Rabbit.

— Obrigada, Millie, por organizar isso tão depressa.

A loira alegre, que ilumina o ambiente só de estar ali, gesticula para deixar isso para lá.

— Não foi nada. A melhor amiga da minha cunhada é coach e uma das clientes dela faz roupas formais plus size. Só precisei fazer um telefonema.

— E marcar eles nas suas redes sociais — Yvette, a padeira local e outro membro da família Valentine, acrescenta antes de se virar para mim. — Millie nunca vai dizer isso em voz alta, mas ela é meio famosa.

— Eu pinto girassóis e as pessoas gostam de comprá-los. Não é nada de outro mundo — Millie zomba.

— Ela é realmente incrível — Yvette sussurra para mim com uma piscadinha para Millie, que revira os olhos e ri.

— E você, Sra. *Eu-venho-de-uma-longa-linhagem-de-chefs-confeiteiros-premiados-e-tenho-um-livro-de-receitas-best-seller*? — Jade diz, colocando o braço em volta dos ombros de Yvette, que fica vermelha. — Minhas amigas da Soulwink Society são todas mulheres incríveis, Ava. Você está em boa companhia.

Dottie termina de prender a coroa no meu cabelo, e nos afastamos do espelho para encarar os outros.

— Soulwink Society?

Para ser honesta, eu meio que tinha esquecido completamente da sugestão de Jade de que as velas, que estamos queimando no momento para criar um ambiente aconchegante, podem ter sido a razão pela qual Duke e eu nos encontramos. Ela explica sua teoria da piscada de alma para Dottie, e enquanto ouço suas palavras pela segunda vez, me pergunto se talvez haja alguma verdade nelas.

Esse conhecimento profundo que tenho dentro de mim começou no momento em que Duke e eu nos conhecemos do lado de fora do estúdio de yoga. Nunca senti uma conexão tão instantânea antes, e talvez aquele “clima” de que falei antes de concordarmos em ir jantar tenha sido o

momento da piscada de que Jade fala.

— Isso parece um pouco com o sapatinho de cristal da Cinderela — Dottie diz com uma carranca cética depois que Jade termina. — A ideia de que algo tão simples como um único sapato ou, no seu caso, uma pedra de rio, possa levar você até aquela pessoa com quem deveria estar. Quero dizer, é lindo pensar nisso, mas não é muito lógico.

Jade e todas as outras mulheres ali dão um sorriso perspicaz para minha futura cunhada.

— Acho que é uma daquelas coisas que você sabe quando vê — Jade diz.

Um breve silêncio cai sobre nós, e eu rapidamente o preencho quando me lembro dos presentes que fiz para agradecer a esse maravilhoso grupo de mulheres por ajudar a tornar meu dia especial uma realidade.

— Falando nas pedras daquelas velas — começo, indo até minha bolsa e procurando dentro dela um saco de papel cheio de pacotinhos de veludo. — Eu as coloquei num tambor de pedra e poli todas para poder fazer um presente de agradecimento a vocês. — Tiro um colar com faixa de couro do pacotinho para mostrar. — Fiz um colar para cada uma de vocês, com uma pedra em cada para simbolizar as velas, já que elas foram a razão pela qual vim para cá e conheci Duke, em primeiro lugar.

— Eles são lindos — Dottie diz, segurando seu próprio colar contra a luz e admirando o arco-íris de cores que se forma. — Você é tão talentosa, Ava.

— Ah, não é nada — respondo, terminando de entregá-los sob olhares de agradecimento e murmúrios de apreciação. Estou radiante no final, porque todas os colocam e parecem adorar de verdade. — Só uma coisinha para mostrar a todas o quanto seus esforços significam para mim.

— Ah, faríamos tudo de novo num piscar de olhos — Jade diz, sorrindo enquanto estende os braços para mim. — Obrigada, minha querida e doce amiga.

Nós nos abraçamos, e aquele abraço logo se transforma em um grande abraço em grupo. Sinto-me tão bem-vinda e parte de algo aqui.

— Também temos um presentinho para você — Yvette anuncia, pegando uma caixa branca e entregando a Jade.

— Mas vocês já fizeram tanta coisa — digo enquanto Jade me entrega a caixa.

— Você agora faz parte da irmandade — ela diz com uma

piscadinha. — Então sempre estaremos aqui quando precisar de nós.

— Pessoal! — Solto a fita rosa ao redor da caixa e levanto a tampa, encontrando ali dentro uma jaqueta rosa e preta que anuncia ao mundo que sou um membro orgulhoso da Whisper Valley Soulwink Society. — Obrigada. Eu adorei.

— Ah, nossa! Agora eu meio que quero uma dessas piscadas para mim — Dottie fala, olhando para a caixa enquanto brinca com a pedra em volta do pescoço.

— Tenho certeza de que sua hora chegará antes que você perceba — Jade comenta.

Dottie abre a boca para dizer algo, mas então ouve uma batida na porta e corre até lá para abrir uma fresta.

— Ah, Theo, oi — ela diz, levantando a mão para ajeitar o cabelo ao ver o padrinho de Duke do outro lado da porta.

Ele pigarreia antes de desviar os olhos de Dottie e olhar para nós.

— Eu, uhm, fui enviado para avisar que estamos prontos.

— Obrigada — Dottie agradece, a voz meio ofegante agora, enquanto os dedos voltam para o colar. — Vejo você lá fora?

— Reserve uma dança para mim?

— Pode apostar que sim — ela responde, fechando a porta atrás de si e deixando escapar o que só pode ser descrito como um suspiro melancólico. Dottie se vira e todas nós a olhamos com um sorriso no rosto. Ninguém pode negar a química que surgiu entre eles.

— Que foi? — ela diz na defensiva antes de cheirar o ar. — Que cheiro é esse? Parece… madeira e cítricos e… São aquelas velas?

Meus olhos se arregalam e olho bem para Jade, que coloca o dedo nos lábios enquanto acena para mim com a cabeça, confirmando que pensa exatamente o mesmo que eu.

Dottie consegue sentir o cheiro das velas.

Ora, ora, quem diria? Acho que todas nós acabamos de testemunhar uma piscada de alma.

— É hora de você se casar com seu homem — Jade anuncia, entregando meu buquê antes de me dar outro abraço. — Nos vemos lá fora.

E, enquanto as vejo saindo, respiro fundo, enchendo minha alma enquanto me olho no espelho, para mim mesma solteira uma última vez.

— Hora de me tornar a sra. Fox — digo, sorrindo enquanto vou até a porta e a música nupcial começa.

Capítulo 14

Duke

Para um imóvel que estava repleto de poeira, teias de aranha e móveis quebrados há poucas semas, o salão de eventos do vinhedo agora parece ter saído de um filme da Hallmark: perfeito e romântico.

E quando a música começa, meu coração dispara no peito e sinto o estômago embrulhado, até ver Ava entrando pela porta. Ela está tão linda em seu vestido de noiva coberto de renda que solto o ar devagar, meu coração batendo forte de ansiedade porque esta deusa maravilhosa está prestes a ser minha por toda a eternidade. Meus olhos marejam de pura felicidade.

— Você está linda — sussurro, pegando sua mão na minha quando ela chega ao final do corredor e sorri para mim por baixo do véu.

— Você, também — Ava sussurra em resposta, passando seu buquê para Dottie antes de correr a mão pela minha gravata rosa-clara e pela lapela do meu terno cinza. — Estou me sentindo uma princesa de conto de fadas.

— E parece mesmo — digo, me sentindo o homem mais sortudo do mundo.

Quando o pastor começa a presidir a cerimônia, não consigo tirar o sorriso do rosto, sabendo que amanhã a vida na qual sempre senti que estava falhando finalmente estará completa. Encontrei minha outra metade e, pelo resto de nossos dias, seguiremos pela vida como um. Farei qualquer coisa por essa mulher.

Então nem hesito quando chega a hora de dizer “sim”, e ela também não.

— Eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Estou chorando enquanto levanto o véu dela e deslizo a mão pela

sua nuca, pressionando meus lábios nos dela, com suavidade no início, depois com muito mais força do que deveria na frente de pessoas. Mas não consigo me conter. Há algo em Ava que me faz querer tudo de uma vez. Ela me completa.

— Estamos casados — Ava suspira, sorrindo para mim enquanto estende a mão e admira o anel de ouro e diamante.

— Você é minha e eu sou seu. É negócio fechado, gatinha — digo, colocando minha mão esquerda ao lado da dela. — Ainda acha que tomou a decisão certa?

— Não questionei isso nem por um segundo. Cada osso do meu corpo grita: *Sim! Duke Fox é seu!*

— Marmaduke, na verdade — comento, entrelaçando meus dedos com os dela e beijando as costas da sua mão. Mas esse é um segredo que só a família e o governo sabem.

— Não vou contar a ninguém — Ava me promete. — Mas já que seu nome é uma homenagem a um cachorro de desenho animado e eu sou uma gatinha, talvez comece a chamá-lo de cachorrinho. — Ela sorri e eu sorrio de volta e dou um beijo na ponta do seu nariz.

— Pode me chamar do que quiser, gatinha. Eu sempre virei correndo.

— Eu te amo, Duke.

— Eu também te amo — digo, beijando-a novamente antes de nos virarmos para nossos convidados e fazermos a primeira caminhada obrigatória como um casal.

Depois disso, é comida, bebida e música à vontade, com muita dança. Temos a oportunidade de celebrar o início de uma nova vida com a família e amigos, novos e antigos. É realmente um momento incrível. Mas quando o relógio bate meia-noite, é hora de dar uma de Cinderela e irmos para casa. Bem, para o pequeno bangalô que Dylan Valentine e seus irmãos me ajudaram a consertar a tempo para a lua de mel. Não é nem de longe perfeito, mas é pitoresco e rústico, e tem tudo de que precisamos para passar algumas semanas sozinhos e longe do mundo.

— Isso é *adorável*! — Ava exclama enquanto eu a carrego pela soleira e a coloco no centro de um tapete redondo, que fica aos pés de uma cama enorme cercada por cortinas transparentes que descem do teto, como se estivéssemos acampando em uma barraca chique. — Não acredito que você fez tudo isso antes do casamento, Duke. É incrível mesmo.

Deslizo minhas mãos em volta da cintura dela.

— Eu não conseguiria fazer nem uma fração disso sem toda a ajuda que tive. Aquele pessoal é como um pequeno exército de mágicos, e sou eternamente grato a eles.

— Eles foram tão acolhedores, não foram?

— Com certeza. E como eles ajudaram a colocar esse sorriso no rosto da minha esposa, podem contar comigo por muitos anos.

Ela sorri e se inclina um pouquinho para trás, erguendo a cabeça como se estivesse tomando sol.

— Eu sou sua *esposa*. — Ava suspira antes de dar uma risadinha. — Somos loucos?

— Loucamente apaixonados — digo, me curvando para perto e segurando seu rosto com as duas mãos antes de levar minha boca até a dela e a devorar com movimentos profundos e lânguidos da língua.

— Eu quero você, Duke — ela murmura, se afastando um pouco e mordendo meu queixo antes de rir e se afastar de mim em direção à cama. — Você me quer?

— Desde o momento em que te vi — digo, aproximando-me enquanto Ava levanta a mão para soltar a pequena coroa que segurou o véu no lugar a noite toda. — Deixe-a na cabeça. Quero transar com a minha esposa ainda de grinalda.

— E o vestido? — pergunta, levantando o material rendado até que eu possa ver onde as meias terminam em uma faixa de renda florida.

Meu pau fica duro como pedra.

— Tire o vestido e os sapatos. Fique com as meias.

Ela ri, mas seu rosto está vermelho, e uma luz brincalhona e sedutora dança em seus olhos enquanto seu peito arfa.

— Me dá uma mãozinha? — ela pergunta, virando-se e puxando o cabelo e o véu de lado para que eu possa abrir o zíper do vestido.

Meu pau dói de tanto desejo enquanto desço o zíper pelas suas costas sem pressa, empurro o vestido sobre seus ombros e beijando a pele macia enquanto o peso do tecido se acumula em volta de seus pés como uma nuvem branca.

— Não sei dizer quantas vezes me masturbei pensando em você desse jeito — murmuro, minha voz tomada pela luxúria e pelo desejo. — Um presente precioso para eu desembrulhar e guardar só para mim. Quero te tratar com gentileza, gatinha. Mas não sei se consigo. Preciso que você

prometa que vai me avisar se eu for muito rude, tá? Quero que sua primeira vez seja perfeita.

— Eu prometo — Ava sussurra, virando a cabeça até nossas bocas se encontrarem, e eu a beijo enquanto a viro de frente para mim, suas mãos subindo pelo meu peito para soltar minha gravata antes de abrir os botões da minha camisa, o paletó foi descartado há muito tempo. — Mas não acho que você possa me machucar, Duke. Fomos feitos um para o outro.

— Você é tão incrível pra caralho, Ava. Como um sonho — digo com a voz rouca, admirando suas curvas preciosas enquanto tiro a camisa e a jogo no chão.

Ava abaixa o olhar e cora, como se não tivesse certeza de que estou sendo sincero, e me pergunto se esta também é a primeira vez que alguém a elogia dessa forma… coisa que considero um crime.

Lambendo meus lábios com a ideia de experimentar meu presente, abaixo as mãos e abro o cinto, amando o jeito que ela também lambe os lábios enquanto eu abro o zíper e deixo a calça cair.

— Você está nervosa, gatinha? — pergunto, notando a maneira como ela treme, agora que estamos aqui apenas de roupa íntima.

— Não — sussurra. — Não estou nervosa. Só… empolgada. Eu quero ver você.

— Está bem — eu digo, amando o jeito como seus olhos se arregalam enquanto engato os polegares no cós da cueca boxer e a desço até os pés. Meu pau fica em posição de sentido, duro como uma rocha e a cabeça úmida de tesão. Pego meu eixo grosso na mão. — É isso que você faz comigo. — Passo o polegar sobre a cabeça coberta de excitação. — Mal consigo me conter.

Ava prende a respiração enquanto morde o lábio de um jeito que faz meu pau pulsar na mão.

— É grande.

— Vai caber. Eu prometo.

Ela assente e engole em seco enquanto seus olhos se erguem para os meus.

— Confio em você.

— Aqui — eu digo, pegando-a pela mão e me sentando na beirada da cama. — Quero que você controle isso.

Jogo o peso para trás, de modo que fico deitado no meio do colchão, e peço para que ela me siga e se acomode em cima de mim, me

montando. Ava geme quando sua calcinha molhada encosta no meu pau duro.

— Tudo bem?

— Sim — ela suspira, os olhos semicerrados enquanto se perde na sensação.

Eu a envolvo com os braços e a puxo para mais perto, beijando-a profundamente enquanto passo a mão em volta do seu corpo e desabotoo o sutiã, que tiro de seus ombros e jogo para fora da cama. Seu peito pressiona o meu, todo quente e perfeito, e eu beijo ao longo de seu pescoço e ombros, gemendo enquanto Ava rebola os quadris e monta em meu pau nu através da calcinha rendada.

Preciso estar mais perto dela.

Passando as mãos pelo seu corpo, encontro a cinta-liga e logo descubro que não vou conseguir chegar à terra prometida sem me livrar dela. Mas como não tenho vontade de fazer isso, enfio os dedos na lateral de sua calcinha de renda e puxo. Com força. As costuras finas rasgam e Ava arfa.

— O que…

— Da próxima vez, compre uma com abertura — digo, puxando o tecido para fora e girando-o no dedo como um troféu.

Ava ri e geme enquanto sua boceta encharcada encosta no meu pau duro, deslizando para cima e para baixo em meu comprimento de uma forma que nos faz gemer e desejar mais.

— Eu quero entrar, gatinha. Você tá tão molhada.

— Fiquei pensando em você dentro de mim o dia todo — ela murmura, fazendo meu pau pular ainda mais. — Estou pronta, Duke.

— Porra, Ava. Vá com calma e pare se doer, ok?

— Ok.

Com uma mão em seu quadril, ajudo Ava a se levantar o suficiente para que eu possa me posicionar em sua entrada. Estou tão escorregadio com o tesão dela que deslizo pelos lábios com pouca resistência. Ava sibila entre os dentes enquanto se abaixa um pouco, depois sobe um pouco, levando meu pau cada vez mais fundo, até encostar na base, trêmula.

— Ah, Deus, Duke. É… é maravilhoso — Ava suspira, sentando-se com as mãos contra meu peito, movendo os quadris enquanto geme. — Assiiiiimmmm.

Aperto suas coxas com as mãos, mantendo-a parada enquanto meu

pau a estica e preenche por completo. Nunca vi nada tão lindo quanto minha esposa sentada comigo dentro dela e absoluta felicidade no rosto. O longo véu que cai sobre seus ombros é a cereja do bolo da imagem mais deslumbrante, e, quando ela levanta os quadris, movendo-se para cima e para baixo em meu comprimento, tenho que respirar bem devagar para não gozar cedo demais.

Enquanto ela se move e aproveita meu corpo, eu levanto a mão e provoco seus mamilos e seios, deixando minhas mãos vagarem até deslizarem entre nós e esfregar um dedo em seu clitóris. Vê-la assim está me levando ao limite e, à medida que seus movimentos aceleram, dobro meus joelhos e empurro, fazendo seu clitóris esfregar em mim a cada estocada.

Ava geme enquanto a penetro, as mãos segurando meus ombros para se firmar enquanto eu meto e me esfrego.

— Tô tão perto, Duke. Ah, Deus. Por favor. Por favor. Preciso…

— Goza pra mim, gatinha. Goza no meu pau enquanto eu te encho. Quero sentir você me apertando.

— Duke! — ela grita, se contorcendo e ofegando antes de suas costas ficarem tensas e suas mãos se moverem para meu peito, jogando a cabeça para trás em um longo gemido. Ava se esfrega em mim e eu consigo sentir a pulsação do seu clitóris em orgasmo contra meu osso púbico. É o suficiente para me deixar louco.

— Ava! — Meus dedos cravam em seus quadris e eu a seguro com força, empurrando-a para cima enquanto meu pau explode, pulsação após pulsação meu gozo se espalhando profundamente dentro dela. — Porra!

— Meu Deus — Ava suspira enquanto cai sobre mim, exausta.

Passo meus braços em volta dela e a abraço com força, dando um beijo no topo de sua cabeça.

— Isso foi… Porra. Nunca foi assim antes.

— Sério? — ela pergunta, levantando a cabeça e sorrindo, sonolenta. — Porque eu sei que não tenho nada com que comparar, mas acho que foi muito…

— Perfeito — termino para ela. — Foi perfeito pra caralho.

— Sim — ela diz, rindo baixinho. — Mal posso esperar para fazer isso de novo.

— Que sorte que somos casados, então. Porque isso significa que podemos fazer isso de novo, de novo e de novo. Pelo resto de nossas vidas.

— Gostei dessa ideia. — Ela suspira, rindo enquanto eu nos viro, então estou pairando sobre seu corpo e ela coloca as mãos em volta do meu pescoço.

— Ótimo, porque estamos só começando aqui. Somos você e eu, gatinha. Até que a morte nos separe.

— Eu te amo muito, Duke — ela sussurra.

— Eu também te amo, Ava — respondo, me abaixando e beijando-a lenta e suavemente, mostrando o que ela significa para mim com cada toque gentil e carícia da minha língua, prometendo-me a ela e agradecendo aos céus por essa linda mulher ter sido mantida preciosa e pura, só para mim.

A partir de hoje, vou tratá-la como a rainha que é e garantir que Ava não passe necessidade de nada. Ela é a outra metade da minha alma, o pedaço do universo que me completa. Ava é meu raio de sol na tempestade da vida. É minha. E eu nunca vou subestimar o fato de ela ter me escolhido.

Epílogo

Ava

Dois anos depois…

— Você está vendo isso, Duke? — pergunto, ofegante, enquanto a técnica de ultrassom move o transdutor sobre minha barriga e um pequeno ser humano aparece em 3D na tela.

— Sim, gatinha — Duke funga e aperta minha mão enquanto olha para a tela com os olhos marejados. — Eu estou, sim. É o nosso bebê.

— É tão lindo — sussurro, observando as perninhas chutarem enquanto sinto pequenas vibrações internas.

— Vocês querem saber o sexo? — a técnica pergunta enquanto se concentra na tela e clica no computador à sua frente, tirando medidas e fotos do minúsculo bebê.

— Queremos? — pergunto a Duke, com os olhos arregalados e um sorriso animado surgindo em cada canto da minha boca.

Nós conversamos sobre isso antes de vir aqui hoje. A velha questão de descobrir agora ou ter uma surpresa no nascimento. Nós dois ficamos divididos sobre a decisão, e nossos entes queridos obviamente querem saber para que possamos fazer uma dessas festas de revelação ou, pelo menos, dar a eles ideias de que tipo de coisas comprar em preparação para a chegada do neném.

— Sabe de alguma coisa? — Duke comenta. — Eu meio que quero sim.

— É? Eu também — digo, sorrindo abertamente enquanto nos viramos para a técnica e damos sinal verde.

— É… — ela diz, aproveitando o momento conosco enquanto explica onde fica cada parte do corpo do nosso bebê. Tem um coração forte

e tudo está se desenvolvendo como deveria. Então, em alguns meses, devo dar à luz um menino feliz e saudável.

— Um filho — Duke sussurra, com lágrimas nos olhos enquanto se inclina e me beija. — Vamos ter um menino.

— Vai ser igual ao papai. Estou tão feliz, Duke — digo, chorando de felicidade enquanto meu homem e eu nos abraçamos, assistimos ao monitor e imaginamos nosso futuro maravilhoso enquanto assimilamos a notícia.

Quando descobrimos que estávamos grávidos, Duke e eu ficamos nas nuvens. Estávamos tentando engravidar desde a noite do nosso casamento e, embora tentássemos não colocar muita pressão sobre nós mesmos, isso estava começando a se tornar uma fonte de estresse em nosso relacionamento. Nós nos amávamos demais, mas essa decepção mês após mês, durante quase dois anos, nos fez pensar que talvez houvesse algo errado.

Tínhamos marcado uma consulta com um especialista em fertilidade, e ele fez um teste de gravidez só para ter certeza antes de fazermos outros exames, e, vejam só: duas linhas! Eu não conseguia acreditar. Comecei a chorar. Duke começou a chorar. E nós dois saímos daquela consulta tão aliviados e animados que mal conseguimos esperar as doze semanas de praxe para contar a todos. Nossos amigos ficaram tão animados quanto nós e, mais uma vez, me lembrei por que Whisper Valley era meu lugar favorito no mundo.

Desde que me mudei, só tenho recebido amor e amizade das pessoas da cidade. Duke e Dottie se tornaram minha família, e Dottie montou um espaço em seu estúdio de tatuagem onde exibe minhas joias, algo em que tenho me concentrado mais desde que deixei meu emprego em Sugar City. Também passo muito tempo ajudando no vinhedo. Hoje em dia, realizamos casamentos lá, e as videiras estão a apenas uma temporada de dar a primeira safra de frutos aptos ao uso. Mal posso esperar para passar pelo processo de vinificação e descobrir quais sabores produzimos. Mas felizmente isso não vai acontecer tão cedo, porque agora não é hora de me preocupar com vinho. Tenho um menino em quem pensar.

— Contamos a todos imediatamente ou fazemos uma festa para anunciar? — pergunto a Duke enquanto saímos radiantes do consultório médico.

— Do jeito que a gente é, acho que não vamos conseguir evitar dar

a notícia no momento em que Dottie ou Jade perguntarem. Mas estou disposto a tentar, se você estiver — ele diz, me levando pela rua da cidade em direção a um café para que possamos comer alguma coisa antes de voltar para Whisper Valley.

— Podemos pedir para Yvette fazer um bolo azul por dentro para cortarmos.

— Gosto mais dessa ideia do que dessas coisas que estouram e espalham pó colorido por toda parte — Duke diz, parando na rua e me virando para encará-lo.

— Então vamos de festa.

— Vamos de festa — ele repete, sorrindo para mim antes de levantar meu queixo e dar um beijo gentil em meus lábios. — Você não tem ideia do quanto me faz feliz, Ava.

— Tenho uma boa ideia — sussurro. — É o mesmo que você me faz.

— Provavelmente mais — ele brinca, me fazendo rir antes de acenar com a cabeça em direção ao outro lado da rua. — Você está vendo aquilo?

Olho para ele e sorrio.

— Uma loja de artigos de bebês.

— Quer comprar algo de menino para o bebê antes de comermos?

— Com certeza — respondo, segurando sua mão com firmeza enquanto ele me guia.

Sem pressa nenhuma, olhamos roupas e brinquedos adoráveis, com vontade de comprar tudo até decidirmos por um móbile de arco-íris com nuvens e fitinhas azuis imitando chuva, porque nos lembra do dia em que Duke me pediu em casamento e eu concordei em ser sua esposa. Foi o primeiro de muitos dias felizes para nós dois e, se conheço meu marido e sua busca incessante para tornar minha vida incrível, muitos outros estão por vir.

Sobre a autora

Megan Wade é uma garota simples que acredita em amor à primeira vista e em almas gêmeas. Ela é obcecada por finais felizes e Hallmark é sua marca favorita de tudo.

Cada uma de suas histórias carrega uma promessa de “felizes para sempre”, mocinhos alfas, mocinhas cheias de curvas, pouco drama e muita sensualidade. O que poderia ser melhor do que isso?

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/meganwadewrites
www.facebook.com/meganwadeauthor
www.tiktok.com/@meganwadebooks
www.meganwadebooks.com



https://www.grupoeditorialfive.com

https://www.instagram.com/editorafive

https://x.com/EditoraFive

https://tiktok.com/@editorafive


SÉRIE VELAS E CURVAS
Meu Raio de Sol
AUTORA BEST-SELLER USA TODAY
Megan Wade